

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CARLA DANERIS VALERIO RITA

**PERCURSOS DIDÁTICOS, OLHARES E REFLEXÕES NA PERSPECTIVA
INCLUSIVA NO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA DA UNIPAMPA.**

**Bagé
2016**

CARLA DANERIS VALERIO RITA

**PERCURSOS DIDÁTICOS, OLHARES E REFLEXÕES NA PERSPECTIVA
INCLUSIVA NO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA DA UNIPAMPA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Música da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciada em
Música.

Orientador: Prof^a. Dra. Carla Eugênia
Lopardo

Coorientador: Prof^a. Dra. Claudete da Silva
Lima Martins

**Bagé
2016**

R598p Rita, Carla Daneris Valério

Percursos didáticos, olhares e reflexões na perspectiva inclusiva no curso de Licenciatura em Música da Unipampa. / Carla Daneris Valério Rita. 63 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade Federal do Pampa, MÚSICA, 2016. "Orientação: Carla Eugênia Lopardo".

1. Educação Musical Inclusiva. 2. Deficiência Visual. 3. Ensino Superior. I. Título.

CARLA DANERIS VALERIO RITA

**PERCURSOS DIDÁTICOS, OLHARES E REFLEXÕES NA PERSPECTIVA
INCLUSIVA NO CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA DA UNIPAMPA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Música da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciada em
Música.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:
Banca examinadora:

Profa. Dra. Carla Eugênia Lopardo
Orientadora
UNIPAMPA

Profa. Dra. Claudete da Silva Lima Martins
Coorientadora
UNIPAMPA

Profa. Dra. Adriana Bozzetto
UNIPAMPA

Profa. Dra. Amélia Bastos
UNIPAMPA

“Dedico este trabalho ao meu querido pai, Jair (In Memoriam)
que me apoiou em todos os meus sonhos e conquistas”.

AGRADECIMENTO

A Deus, pela sua infinita misericórdia e bondade em minha vida, me concedendo o privilégio de poder ter em minha alma o seu louvor.

Aos meus pais, Jair (In Memoriam) e Glades pelo incentivo, amor e dedicação na música me fazendo entender o real sentido desta e pelo apoio nas horas difíceis.

Aos meus manos, Jair Junior, Daniel e Miriã por fazerem parte desta conquista e por sermos unidos também na música.

Aos meus amados filhos, Isaac e Cálita pela paciência em ter que dividir a mamãe com a universidade e por seguirem meus passos sendo músicos.

Aos meus tios, tias e avó pelo apoio em todos os momentos.

As professoras Carla Lopardo e Claudete Martins, minhas queridas orientadoras, pela paciência, zelo e dedicação à docência e por ter tido o privilégio de escuta-las e aprender com elas.

A todos os professores da graduação, com os quais aprendi muito e os levarei pra sempre em meu coração.

A todos meus amigos que sempre apoiaram e incentivaram meu trabalho na música, fazendo com que eu nunca esqueça dos meus sonhos e ideais.

“Louvai ao Senhor, ó minha alma, louva ao Senhor. Louvarei ao Senhor durante a minha vida; cantarei louvores ao meu Deus enquanto viver” (Salmos 146: 1,2)

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender os meios e métodos utilizados por professores, bem como os percursos e olhares voltados para o ensino e aprendizagem de uma aluna deficiente visual no curso de Licenciatura em Música. A revisão bibliográfica realizada para os objetivos deste trabalho revela a necessidade de analisar e compreender melhor o lugar da educação inclusiva no contexto do ensino superior. Autores como Bonilha (2006 e 2010), Lemos e Silva (2011), Louro (2012 e 2015), Melo (2011), Oliveira e Reily (2014) e Tudissaki (2015) abordam diferentes cenários nos quais a inserção de alunos com deficiência no ensino superior enfrentam os desafios de aprendizagem nesse contexto educacional. O referencial metodológico, com base em uma abordagem qualitativa, se fundamenta nas propostas de Flick (2009), Gil (2008) e Stake (2010). Foram realizadas observações não participativas em sala de aula, entrevistas semiestruturadas com os envolvidos nos processos investigativos e registros em diários de campo, de modo a compreender a visão de cada uma das partes sobre os processos de ensino e aprendizagem musical no contexto da educação musical inclusiva. Os resultados desta pesquisa evidenciam a existência de métodos adaptados para o ensino musical em contexto inclusivo, assim como professores ampliam olhares quanto à docência possibilitando a formação de alunos a partir de experiências de inclusão musical nas salas de aula. Ampliar a visão e os conceitos sobre a inclusão de alunos com deficiência, implica investir em possibilidades e potencializar o aprendizado incentivando essa autonomia musical, não se detendo na deficiência, mas usando recursos da Tecnologia Assistiva potencializando as capacidades individuais.

Palavras-chave: Educação Musical Inclusiva, Deficiência Visual, Ensino Superior.

SUMMARY

This research seeks to understand the means and methods used by teachers, as well as the courses and looks aimed at the teaching and learning of a visually impaired student in the Licenciatura in Music course. The literature review carried out for the purposes of this study reveals the need to analyze and better understand the place of inclusive education in the context of higher education. Melo (2011), Oliveira and Reily (2014) and Tudissaki (2015) deal with different scenarios in which the inclusion of students with disabilities in higher education face the challenges of learning in this educational context. The methodological framework, based on a qualitative approach, is based on the proposals of Flick (2009), Gil (2008) and Stake (2010). Non-participatory remarks were made in the classroom, semi-structured interviews with those involved in the investigative processes and records in field journals, in order to understand the vision of each of the parties about the teaching and learning processes in the context of inclusive music education. The results of this research evidenced the existence of methods adapted to musical education in an inclusive context, as well as teachers broadening their eyes on teaching, making possible the formation of students from experiences of musical inclusion in classrooms. Broadening the vision and concepts about the inclusion of students with disabilities, implies investing in possibilities and enhancing learning by encouraging this musical autonomy, not dwelling on disability, but using Assistive Technology resources, enhancing individual abilities.

Keywords: Inclusive Musical Education, Visual Deficiency, Higher Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Imagem da aluna conhecendo o material concreto	15
Figura 2- Imagem da aluna criando uma melodia no material concreto	16
Figura 3- Imagem da Perda da Visão Periférica	20
Figura 4- Imagem da Perda da Visão Central	20
Figura 5- Imagem da Perda Difusa de Campo Visual	21
Figura 6- Imagem da Diminuição Global da Sensibilidade	21
Figura 7- Imagem do Alfabeto braile	24
Figura 8- Imagem da aluna fazendo os gestos do Manossolfa	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE- Atendimento Educacional Especializado

EMUFRN - Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFRN- Universidade Federal do Rio Grande do Norte

EVA- Acetato-vinilo de etileno, emborrachado não tóxico, lavável, aderente, resistente e colorido.

IFES- Instituições Federais de Ensino Superior

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais

LDB-Leis de Diretrizes e Bases

NInA- Núcleo de Inclusão e Acessibilidade

OETD- Organização Escolar e Trabalho Docente

PDA- Projeto de Desenvolvimento Acadêmico

UEL- Universidade Estadual de Londrina

UNIPAMPA- Universidade Federal do Pampa

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Quadro de técnicas de coleta de dados	31
Tabela 2- Quadro do cronograma da pesquisa	31
Tabela 3- Quadro de observações, diários de campo e entrevistas	32
Tabela 4- Quadro-Formação, experiência e materiais didáticos utilizados	40

SUMÁRIO

1 TRILHANDO CAMINHOS	14
1.1 Dialogando com conceitos.....	16
1.2 Buscando Respostas.....	17
2 REVISÃO DA LITERATURA	18
2.1 Educação Inclusiva.....	18
2.2 Conhecendo a Deficiência visual.....	19
2.3 Educação Musical Inclusiva e Ensino Superior.....	22
2.4 O conceito de inclusão no projeto pedagógico do curso de Música..	26
2.5 A Inclusão Musical nos planos de ensino e no projeto de ensino “Grupo para estudos de musicografia braile”.....	27
3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	29
3.1 Percursos e escolhas metodológicas.....	29
3.2 Técnicas de produção de dados: a entrevista semiestruturada e os conceitos.....	30
4 ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS	33
4.1 Materiais didáticos acessíveis.....	35
4.2 Formação e experiência docente com a inclusão.....	40
4.3 O planejamento das aulas na perspectiva inclusiva.....	43
4.4 Dificuldades e potencialidades no ensino e aprendizagem de Música.....	46
4.5 Educação Musical Inclusiva no Ensino Superior.....	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE	60

1 TRILHANDO CAMINHOS

O tema de minha pesquisa busca compreender como acontece a educação musical na perspectiva da Educação Inclusiva no curso de Licenciatura em Música da Unipampa, mais especificamente no âmbito da educação musical para alunos com deficiência visual.

Ao longo da minha infância e vida escolar, me deparei com crianças especiais e isso atraiu minha atenção em saber como as pessoas faziam para ajuda-las a aprender, viver em sociedade e se comunicar com o mundo. Esta percepção sobre a realidade foi significativa para mim e sempre pautou minha vida.

No contexto familiar, tive a experiência de conviver com uma pessoa com deficiência auditiva com a qual tentava estabelecer uma comunicação na medida do possível, mesmo sem saber a língua de sinais. Também, convivi com alguns alunos da Educação Especial como monitora dentro do programa Mais Educação. Atuei como professora na igreja que costumo frequentar com crianças que frequentavam a Escola Bíblica Dominical e com crianças de meu bairro, as quais estou conhecendo atualmente, visualizando um possível projeto social na comunidade onde vivo, para que essas crianças possam ter aulas de musicalização.

Minha formação musical começou aos cinco anos, contudo, na temática da inclusão começou em 2013 quando iniciei meus estudos acadêmicos na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Dentro da graduação continuei meus estudos em violão, flauta, percussão e canto, outrora iniciados com a idade de cinco anos. Também participei em corais, seminários, palestras e encontros voltados ao canto e uso da voz e pretendo usar esses conhecimentos para que a educação musical esteja inserida em minha trajetória como professora de música dentro da perspectiva da educação inclusiva.

Ainda na graduação participei de um projeto de pesquisa ao ser bolsista da professora Dr^a Franceli Brizolla, professora da UNIPAMPA, no grupo *INCLUSIVE* – Grupo de Estudos e Pesquisa em Inclusão e Acessibilidade no Ensino Superior. Um projeto de pesquisa de caráter qualitativo, do tipo pesquisa-ação, com o objetivo de investigar e propor alternativas de atividades/ações institucionais que constituam um atendimento educacional especializado no âmbito da educação superior da UNIPAMPA para alunos alvo do Programa INCLUIR.

Trabalhei essa questão com minha colega Rosane que é deficiente visual, nas aulas de reforço de Harmonia I com o professor Bruno Angelo, confeccionando um material didático concreto para que a aluna pudesse perceber, através do tato como um vidente vê a partitura, e também a auxiliando nas aulas do componente curricular de Educação Musical: Prática e Ensino I. Vendo principalmente as dificuldades em relação à musicografia braile em que essa colega teve contato somente no 4º semestre de sua graduação, pensei primeiramente em confeccionar um material didático para estudarmos juntas a musicografia braile, mas, por outro lado, lendo e me informando mais sobre o assunto vi que eu poderia cometer erros e criar vícios a partir da minha estratégia.

Foi então que com a ajuda do Núcleo de Inclusão e Acessibilidade (NInA), confeccionei um material concreto sobre teoria musical que ajudasse a compreender melhor como o vidente vê a partitura. Esse material confeccionado em Acetato-vinilo de etileno, emborrachado não tóxico, lavável, aderente, resistente e colorido (E.V.A), possui uma pauta musical com cinco linhas feitas com fita velcro para que as figuras musicais e claves possam ser fixadas nessas linhas, e assim, construir melodias para estudo. Esse material foi de grande valia principalmente quando ela compreendeu, entre vários aspectos, o significado do conceito “empilhar”¹ terças, quando o professor falava em sala de aula. As figuras abaixo mostram momentos dessas aulas de reforço.

Figura 1: Imagem da aluna conhecendo o material concreto



Fonte: Arquivo pessoal

¹ Duas ou mais notas soando ao mesmo tempo formando um acorde.

Figura 2: Imagem da aluna construindo uma melodia no material concreto junto ao professor de Harmonia I.



Fonte: Arquivo pessoal

Assim sendo, as perguntas que norteiam a minha pesquisa são: Como um deficiente visual aprende música no curso de Licenciatura em Música? Quais são os processos de ensino e aprendizagem musical através dos quais um deficiente visual constrói a sua formação no curso de Licenciatura em Música? Quais estratégias metodológicas e de ensino são desenvolvidas pelos professores do curso de Licenciatura em Música? Existem etapas ou fases pelas quais o aluno com deficiência visual atravessa para obter esse aprendizado? Como os professores do curso de Licenciatura em Música lidam com situações de conflito entre o planejado, o desejado e a realidade?

1.1 DIALOGANDO COM CONCEITOS

A educação inclusiva caracteriza-se como um novo princípio educacional, cujo conceito fundamental defende a heterogeneidade na classe escolar, como situação provocadora de interações entre crianças com situações pessoais as mais diversas. Além desta interação, muito importante para o fomento das aprendizagens recíprocas, propõe-se e busca-se uma pedagogia que se dilate frente às diferenças do alunado (Beyer, 2006, p. 73).

Esse tema foi escolhido desde o início de minha graduação, pela minha preocupação em cumprimento da Lei nº 7.611, Decreto nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011, BRASIL. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providencias e que garante a educação em

todos os níveis e a participação e aprendizagem no ensino regular e apoio especializado aos estudantes da Educação Inclusiva.

Por outro lado, o cumprimento da Lei nº 11.769/08, Decreto nº 7.1169, DE 18 DE AGOSTO DE 2008, BRASIL. Dispõe sobre a inserção da música nas escolas, conteúdo obrigatório e não exclusivo e que fala da inserção da música nas escolas e que deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, também faz parte do meu interesse, visto que esses alunos com deficiência estão dentro das escolas e universidades. Esta pesquisa tem o intuito de conhecer como os professores de música lidam com as deficiências de seus alunos, preparam suas aulas e quais materiais didáticos são utilizados para esses alunos da graduação aprenderem música. Questiono também, como a educação musical inclusiva está inserida no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Música da Universidade Federal do Pampa. Esse tema é de extrema relevância para a educação musical, visto não só a crescente inserção da música nas escolas, como também, a inserção de alunos com deficiência no contexto escolar.

1.2 BUSCANDO RESPOSTAS

Com um olhar reflexivo pretendo aprofundar as investigações em minha pesquisa dos objetivos que movem a urgente demanda da educação musical na perspectiva da Educação Inclusiva. Desta forma, os objetivos de pesquisa são:

Objetivo Geral

Investigar o ensino e aprendizagem de uma pessoa com deficiência visual no curso de Licenciatura em Música.

Objetivos Específicos

- Compreender os meios e métodos utilizados pelos professores do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), nos processos de ensino e aprendizagem musical de uma aluna com deficiência visual;

- Contextualizar as questões que envolvem os materiais didáticos que a aluna utiliza em sala de aula;
- Identificar e analisar se existem fases do processo de aprendizagem musical pelas quais atravessa uma aluna com deficiência visual.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Educação Inclusiva

Cada pessoa é única, com características físicas, mentais, sensoriais afetivas e cognitivas diferenciadas. Portanto, há necessidade de se respeitar e valorizar a diversidade e a singularidade de cada ser humano. Cai o “mito” da constituição de uma turma homogênea e surge o desafio de uma “práxis” pedagógica que respeite e considere as diferenças. (LOURO, 2015, p 34).

A história da educação especial está cheia de rejeição e exclusão por conta da sociedade e por pensamentos oriundos da Idade Média, de sofrimento e castigo. A postura da sociedade passou por diversas fases no decorrer da história da humanidade, o sentimento de amor ao próximo, altruísmo e solidariedade surgiu após o Cristianismo, antes desse advento as crianças com alguma deficiência eram sacrificadas, eliminadas do convívio por serem consideradas estorvos ou grandes problemas a serem carregados (BRANDERNBURG; LÜCKMEIER, 2013).

Pessoas com alguma deficiência vivenciam situações de discriminação ou distanciamento por parte das pessoas, tema que está presente em nossa sociedade. O direito dessas pessoas está assegurado e consta claramente na Constituição Brasileira, o grande desafio seria identificar um modo de evitar que o direito adquirido não fique somente nos discursos, mas que sejam colocados em prática em nosso país.

A inclusão de alunos com alguma deficiência no ensino da rede regular ainda é um grande desafio, apesar das leis já existentes a respeito, o conceito de inclusão vem sendo visto de maneira equivocada e muitas vezes ignorada. Com respeito a educação, ao longo dos anos a política pública no Brasil tem sido ampliada a fim de garantir o acesso desses alunos nas escolas públicas reforçando os processos de ensino e aprendizagem.

Essas considerações são apresentadas no decreto 7.611, de 17 de novembro de 2011 que garante a Educação Inclusiva em todos os níveis e o ensino fundamental gratuito e assegura as adaptações de acordo com cada necessidade, provê o acesso, a participação e aprendizagem no ensino regular e apoio especializado aos estudantes. Prevê também a implantação de salas, formação continuada de professores, adequação arquitetônica, estruturação de núcleos de acessibilidade nas Instituições Federais de Educação superior (IFES). Também a Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 altera a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, assegurando o atendimento educacional especializado a estudantes com deficiência.

Tendo em vista a crescente demanda da Educação Inclusiva no ensino superior meu trabalho de conclusão de curso vem afirmar essas iniciativas, bem como pesquisar os conceitos de como esse assunto é abordado no curso de licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa, catalogando experiências e propostas metodológicas para tal ensino e de seu curso em andamento.

2.2 Conhecendo a deficiência visual

Segundo Tudissaki (2015), o termo deficiência visual é empregado para indivíduos com perda total ou parcial da visão, seja ela congênita ou adquirida. O nível de acuidade visual pode variar, determinando dois grupos: o das pessoas cegas e o grupo das pessoas com baixa visão.

Baixa visão

A respeito do grupo de pessoas com baixa visão, utiliza-se também o termo visão subnormal. Os dois termos estão corretos: baixa visão ou visão subnormal. No entanto, o primeiro é mais recente e mais comum – utilizado, inclusive, em instituições especializadas e na literatura específica. O uso do termo baixa visão foi recomendado pela Organização Mundial de Saúde (*World Health Organization/WHO*) e pelo Conselho Internacional de Educação de Pessoas com Deficiência Visual (*International Council for Education of People with visual impairment – ICEVI*), em reunião realizada em Bangkok, na Tailândia, em 1992.

Dentre as alterações mais frequentes da baixa visão, destacamos:

- 1- Perda da Visão Periférica – ocorre, por exemplo, no caso de pessoas acometidas pelo Glaucoma e a Retinose Pigmentária; conforme a seguinte figura:

Figura 3- Imagem da Perda da Visão Periférica



Fonte: <<http://www.lmc.org.br/BV.html>>

- 2- Perda da Visão Central – ocorre, por exemplo, no caso de pessoas acometidas pela Degeneração Macular Relacionada à Idade (DMRI) e à Doença de Stargardt; conforme figura:

Figura 4- Imagem da Perda da Visão Central



Fonte: <<http://www.lmc.org.br/BV.html>>.

- 3- A Perda Difusa de Campo Visual – ocorre, por exemplo, no caso de pessoas acometidas pela Retinopatia Diabética; conforme figura:

Figura 5- Imagem da Perda Difusa de Campo Visual



Fonte: <<http://www.lmc.org.br/BV.html>>.

4. A Diminuição Global da Sensibilidade – ocorre, por exemplo, no caso de pessoas acometidas pela Catarata, conforme apresenta a figura:

Figura 6- Imagem da Diminuição Global da Sensibilidade



Fonte: <<http://www.lmc.org.br/BV.html>>.

Cegueira

Segundo Tudissaki (2015), na cegueira há perda total da visão ou uma pequena capacidade de enxergar, levando as pessoas cegas a utilizarem-se dos sentidos remanescentes para percepção, análise e compreensão do ambiente, ou seja: a audição, o tato, o paladar e o olfato.

Classifica-se a cegueira em:

- 1) Cegueira parcial – na qual os indivíduos só veem vultos e distinguem claro e escuro;
- 2) Próximo da cegueira total – na qual o indivíduo só tem percepção da luminosidade, sendo capazes de identificar a direção da luz;

3) Cegueira total (amaurose) – pressupõe a completa perda de visão, conforme Tudissaki apud Lopes e Serfaty (2008).

O Decreto n. 5.296/04 apresenta as seguintes definições para a cegueira e a baixa visão:

Deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60 graus; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores (BRASIL, 2004).

2.3 Educação Musical Inclusiva e Ensino superior

Ter um olhar amplo, não excludente e mais inclusivo é primordial na educação e na perspectiva inclusiva, pois isso é vivenciado a cada dia pelos professores que lutam e encaram as dificuldades que se apresentam nesse âmbito da educação. Como futura professora de música, percebo a grande dificuldade que esses professores tiveram quando a Lei de inclusão entrou em vigor e na área da música não é diferente, mesmo essa questão sendo mais recente.

Pensando em uma educação musical que contemple o conhecimento prévio do aluno, bem como suas necessidades e interesses, Brito (2001), inspirada em Koellreutter, defende a ideia de que o conhecimento do aluno é primordial para que o professor possa fazer um trabalho fundamental com características sociais e culturais do indivíduo.

Para autores como Oliveira e Reily (2014), a falta de professores de música na área da Educação Inclusiva é uma questão relevante e preocupante, tanto quanto a falta de disciplinas que tratem dessa temática nos cursos de licenciatura refletindo em sala de aula quando os professores se deparam com esse perfil de aluno. Ao refletir sobre o papel da Educação Inclusiva também se observa a dificuldade que alguns alunos possuem de aprender teoria musical e quais materiais didáticos e atividades modificadas facilitarão (ou viabilizarão) esse aprendizado para os alunos com ou sem deficiência.

O papel da família é primordial em relação ao aprendizado de música, pois sem esse devido apoio o aluno não conseguirá empreender e prosseguir seus estudos e tão pouco avançar em seus conhecimentos. Esse apoio se dá de maneira inicial

com um suporte sempre que preciso, mas também em casos em que esses alunos dependem muito de seus familiares para manterem contato constante com seus professores e materiais didáticos disponíveis, “a inclusão não se faz por força de lei que se estabelece sem propósitos consistentes, mas em um processo de inclusão que emerge da mudança de concepções e atitudes por parte das pessoas nele envolvidas” (BONILHA, 2006, p.9).

O fato é que a família vê a música como um meio aonde seus filhos poderão expressar seus sentimentos e como um importante canal de comunicação com o mundo, e isso amplia o universo sensorial e cognitivo. Querer ocupar o tempo desse aluno e incentivá-lo a desenvolver seu dom, como é mencionado pela maioria das pessoas, gera esse mito, que é muito difundido na área da deficiência visual. Estudos mostram que existe o mito dos deficientes visuais possuírem um talento nato para a música ou “dom”, por serem desprovidos de visão, passando a ter uma melhor percepção musical. Famílias desde cedo, incentivam seus filhos presenteando-os com instrumentos musicais, mas a maioria das vezes é dentro das escolas e igrejas que esse gosto pela música se desenvolve, essas crianças costumam ser retraídas e a música as torna mais alegres e comunicativas pelo atento olhar de seus pais ou responsáveis (BONILHA, 2006).

A capacidade auditiva é mais amplamente desenvolvida nesses alunos e isso se acentua pelas funções cognitivas no cérebro, mas que não exclui o fato de que qualquer aluno possa desenvolver esse ouvido musical e perceptivo e obter os mesmos resultados dos alunos videntes, se puderem ter os meios para realizar tais tarefas. O trabalho em equipe se faz a partir dos eixos família, professores no contexto da escola e da universidade e as terapias no âmbito da saúde (BONILHA, 2006).

O tema da inclusão de deficientes visuais no Brasil é amplamente tratado devido às leis vigentes no país, mas o processo de ensino e aprendizagem com materiais e recursos didáticos ainda é escasso. Essa falta de materiais e desconhecimento dos professores de música de como atuar nesse contexto, deixa uma lacuna considerável no aprendizado desses alunos, causando a desistência pelas dificuldades encontradas. Sem materiais didáticos os alunos tornam-se autodidatas criando vícios e meios não eficazes de aprender musicalmente, sem mencionar o fato de que seus professores terão mais dificuldades em criar e executar tais aulas. Torna-se necessário que cada deficiência tenha materiais didáticos disponíveis e com acesso

gratuito para que as aulas sejam fluentes e objetivas junto dos demais alunos em sala de aula, e que a educação musical se estabeleça de forma eficiente.

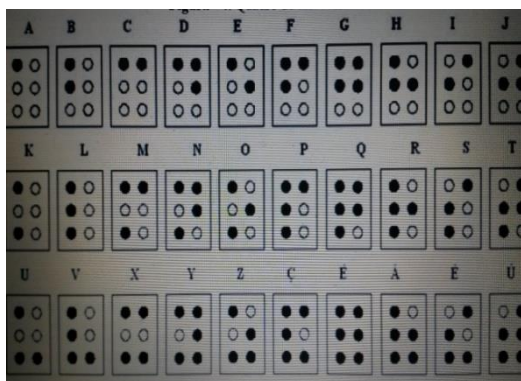
Uma proposta que vem produzindo resultados é o canto coletivo e a improvisação (LEMOS e SILVA, 2011), pois educar musicalmente requer ampliar horizontes e repertórios, abrir espaço, conhecer histórias de vida e ter uma atitude receptiva com aquele aluno que quer aprender e fazer música. Isso não implica trabalhar sem metas, mas facilitar esse trabalho abrindo caminhos de escuta e vivência musical desses alunos.

No caso da deficiência visual, objeto desta pesquisa, o professor de música que pretende trabalhar nessa área deve conhecer o braile e a Musicografia braile para que possa fazer uma mediação e ensinar de maneira correta sem criar vícios. O braile é uma importante ferramenta através da qual o aluno poderá estabelecer contato com o mundo.

Segundo LOURO (2012), a Musicografia braile é uma ferramenta essencial e de grande utilidade na musicalização de cegos nesse aprendizado. Criado por Louis Braille, em 1825, na França, o sistema braile é conhecido universalmente como código ou meio de leitura e escrita das pessoas cegas. Baseia-se na combinação de 63 pontos que representam as letras do alfabeto, os números e outros símbolos gráficos. A combinação dos pontos é obtida pela disposição de seis pontos básicos, organizados espacialmente em duas colunas verticais com três pontos à direita e três à esquerda de uma cela básica denominada cela braile.

A seguir figura do alfabeto em braile:

Figura 7: Imagem do Alfabeto em braile



Fonte: Arquivo pessoal

A Musicografia braile usa essas letras do alfabeto e converte em símbolos musicais sendo que cada nota é um símbolo diferente que varia de acordo com a sua

duração, assim sendo, um dó colcheia por exemplo é parecido com o dó semínima mas tem um ponto a mais. TUDISSAKI (2015) nos fala que o sistema braile, através de seus caracteres, representa também letras, e vários símbolos como os matemáticos, musicais, da química e outros. A leitura da Musicografia braile é a mesma para compreender e ler o braile, sendo as combinações lidas da esquerda para a direita como na leitura convencional. Um aspecto que se diferencia é em que a altura das notas varia de acordo com a clave e a posição em que ela se encontra no pentagrama, o valor da nota e sua altura é indicado com um único sinal.

Bonilha (2010) descreve algumas particularidades em relação à escrita convencional em tinta. A Musicografia braile tem ausência de verticalidade e de representação gráfica, tem variedade de formatos de transcrição e semelhanças entre caracteres musicais e literários.

Sabendo que o professor de música não formará instrumentistas, ele deverá ampliar sua visão e investigar inúmeras possibilidades desse universo, potencializando a aprendizagem de seus alunos e incentivando a autonomia. Não se detendo na deficiência, mas usando recursos de Tecnologia Assistiva ele trabalhará vários aspectos da educação musical. Ter um espírito pedagógico, positivo, com fé, entusiasta e progressivo moverá esse professor a procurar formas de ensinar com criatividade (BONILHA, 2010); e com a ajuda de profissionais, adaptando materiais, objetivos e conteúdo do currículo, ele certamente alcançará seus objetivos de educar musicalmente.

A falta de professores de música especializados é um assunto em debate de vários artigos, livros, simpósios e congressos, e a conclusão dessa discussão é que se deve investir por parte das universidades em implantarem nos seus currículos disciplinas concernentes à perspectiva da educação inclusiva, mesmo aqueles docentes que não se interessem pelo assunto poderão ter alunos com deficiência e terão que procurar os meios para atuarem nesse contexto. Percebendo também a crescente procura por aqueles que querem educar musicalmente na perspectiva da educação inclusiva, Louro (2015) conclui que esses professores deverão, ao longo de sua trajetória acadêmica, investir em cursos extras e procurar ficar informados de inovações nessa área.

O professor da área inclusiva tem consciência que o aprendizado da leitura e escrita musical será muito importante na sua formação, assim como o é para qualquer

um de seus outros alunos, procurando os meios para melhor atender a essa demanda, construindo um repertório mais abrangente.

2.4 O conceito de inclusão no Projeto Pedagógico do Curso de música

Na concepção pedagógica do curso de Licenciatura em Música da Unipampa e em seu perfil, 3% das vagas são destinadas aos estudantes com necessidades especiais de educação², mas não especifica sobre esses alunos no perfil do egresso e estágio. Na metodologia de ensino e avaliação, o acolhimento e a discussão contínua sobre a diversidade cultural de nosso país é abordado, assim como, respeito às diferenças e, da mesma forma, aos diferentes modos de cada um apreender o conhecimento.

É contemplada, neste curso, a utilização de abordagens metodológicas diversas, estratégias e materiais didáticos inovadores, assim como, a abordagem de temas transversais necessários à formação da cidadania. Isso tudo está implicitamente encontrado no texto redigido, mas cabe a cada professor a partir do seu plano de ensino, colocar em prática essa abordagem de forma a alcançar o aluno em suas necessidades especiais.

Em seu ementário, somente em alguns componentes curriculares está implícito o tema em questão e, desses componentes, alguns abordam o tema de forma clara em seus planos de ensino. São eles: Fundamentos da Educação Musical I, Fundamentos Teóricos da Música I, Organização Escolar e Trabalho Docente, Educação Inclusiva, Metodologia e Prática de Ensino de Música II, Estágio supervisionado I, II, III e IV, Libras, Psicologia e educação, Educação Musical e escola, Mídias e Educação Musical, Educação Musical: Prática e Ensino I e II.

Há poucos trabalhos sobre a educação musical de cegos no Brasil, talvez isso seja um fato relevante em nosso curso, criado em 2012 e em andamento de aperfeiçoamento em todos os âmbitos da educação, conforme Bonilha, 2006.

A falta de material pedagógico, principalmente o estudo da musicografia braile torna o assunto mais urgente pela entrada de alunos especiais e como no caso em questão, de uma aluna com deficiência visual. Mas isso não omite o fato de

² Termo correto é estudantes com deficiência ou estudantes com necessidades educacionais especiais, conforme SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. *Revista Nacional de Reabilitação*, São Paulo, ano 5, n. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9.

professores que não sejam da área estejam buscando subsídios para atuarem em suas práticas com esses alunos.

Temos exemplos claros de universidades que estão começando esse trabalho musical na inclusão, como Rafael Vanazzi de Souza e Rafael Ota, alunos de graduação, desenvolvendo um curso de musicografia braile na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Danilo Cezar Guanais de Oliveira na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN) e Mucio Magno de Albuquerque Rosendo Jr., aluno da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e seus respectivos orientadores. Em sua dissertação “Um estudante cego no curso de Licenciatura em Música da UFRN: questões de acessibilidade curricular e física”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mello (2011) mostra toda a estrutura da UFRN, seus cursos e especialidades, assim como locomoção, informação e comunicação da universidade. O autor apresenta uma proposta a respeito da diversidade que deveria estar nos PPCs dos cursos de Licenciatura em Música como flexibilização do currículo, analisa o perfil do alunado que ingressa no curso, relata o vestibular do aluno citado e nos faz refletir de como não só a entrada desses alunos na universidade deve ser aceita, mas também sua permanência com qualidade e autonomia deve ser trabalhada.

2.5 A Inclusão Musical nos planos de ensino e no Projeto de Ensino “Grupo para estudos de musicografia braile”

Selecionando alguns critérios objetivando a análise dos planos de ensino selecionados para esta pesquisa, decidi, depois de avaliar vários aspectos, que a escolha desses planos de ensino não abrangeria aqueles componentes que a aluna já tivesse cursado e sim aqueles que estão sendo cursados no presente semestre, ciente de que seriam muitos os componentes curriculares e seus respectivos planos de ensino a serem analisados nesta pesquisa. Sendo assim escolhi observar em minha pesquisa os componentes curriculares: Harmonia II, Fundamentos da Regência I e Metodologia e Prática de Ensino de Música II.

Paralelamente a esta análise escolhi observar o projeto de ensino “Grupo de Estudos de Musicografia Braile”, que tem por objetivo promover um ambiente de estudos periódicos de escrita e leitura de partituras em braile, no qual envolve atividades musicais desenvolvidas especificadamente para a aluna com deficiência

visual, técnicos do curso, docentes e estudantes interessados em saber e estudar sobre a Musicografia. Alguns destes professores que participam do projeto atuam como fornecedores de materiais, entre eles, partituras e textos, que estão sendo utilizados em suas aulas com a aluna. E posteriormente acessar o material didático que será organizado e disponibilizado através deste projeto de ensino via web.

A análise destes componentes e do grupo de estudos, foi realizada a partir da leitura do PPC e planos de ensino de seus respectivos componentes, observações em aulas, diários de campo e entrevistas com os docentes, técnico e aluna.

No componente Fundamentos da Regência I, o objetivo geral fala em propiciar a reflexão da prática vocal coletiva em diferentes contextos, isso nos faz entender que o conceito da Inclusão está implicitamente construído nesse contexto curricular.

No componente curricular Metodologia e Prática de Ensino de Música II, o objetivo fala implicitamente em desenvolver no aluno a capacidade de produzir materiais didáticos e elaborar projetos musicais com base nos diversos métodos de ensino musical em contextos educativos diversificados. Porém, no componente Harmonia II, não consta nem implicitamente a temática sobre inclusão.

O Projeto de Ensino está muito bem alicerçado sobre o tema, são estudos voltados para a perspectiva da educação inclusiva com objetivos claros e específicos com o intuito de promover um ambiente em que alunos, técnicos, professores e interessados em estudar, possam desenvolver habilidades na escrita e leitura de partituras em braile, e que a aluna consiga também armazenar informações, facilitando seus estudos no curso e juntos possam produzir, armazenar e disponibilizar materiais didáticos desenvolvidos no projeto de ensino para todos que se interessem pelo assunto.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 Percursos e escolhas metodológicas

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, objetiva conhecer a realidade e vivências dentro do curso de Licenciatura em Música da Unipampa, de uma estudante com deficiência visual, além de compreender os processos de aprendizagem, com suas limitações, desafios e conquistas, que permeiam as práticas docentes.

Segundo Bonilha (2010) a experiência pessoal do ser em estudo, enriquece o estudo qualitativo, pois tem por objetivo apreender as percepções dos indivíduos frente aos desafios encontrados em sua jornada de estudos. Esse estudo de caso permitiu experimentar o processo de aprendizagem desses indivíduos em estudo, além de investigar os meios utilizados para tal aprendizagem salientando as suas peculiaridades e discutindo o papel do educador musical.

Segundo Penna (2015), o estudo qualitativo é único e possui características próprias, não generalizando e criando parâmetros a serem seguidos, percebendo os diferentes pontos de vista. Conforme Flick (2009), a pesquisa qualitativa é sempre uma intervenção em um sistema social e isso me faz pensar novamente o fato de querer me inteirar de como essa aluna está aprendendo dentro desse contexto que é o ensino superior. Desta maneira, a intenção é conhecer quais estratégias estão sendo trabalhadas pelos professores envolvidos, para alcançar os objetivos do ensino e aprendizagem, sendo de total relevância ao estudo das relações sociais e terá como instrumentos de pesquisa a observação não participante, diários de campo, entrevistas semiestruturadas e observação da vida acadêmica de uma discente deficiente visual do curso de Licenciatura em Música da UNIPAMPA.

Conforme Flick (2009), os métodos para a coleta e análise de dados pode ser colocada nessas perspectivas de pesquisa, tendo num primeiro momento observações não participantes, um predomínio das entrevistas semiestruturadas, análise do discurso ou de conversação e concluindo à coleta de dados a análise das gravações ou material visual.

Escolhi a pesquisa qualitativa por demonstrar interesse e curiosidade no assunto querendo descobrir como uma aluna deficiente visual aprendia no curso, quais metodologias eram utilizadas para tal fim e como os professores que não são da área ensinam. Sendo tantos obstáculos apontados na educação musical no contexto da perspectiva da educação inclusiva, decidi mergulhar nesse universo e ficar a par de um recorte do processo de ensino e aprendizagem dessa aluna.

Para tal fim, foram realizadas observações em aulas dos componentes curriculares: Harmonia II, Fundamentos da Regência I, Metodologia e Prática de

Ensino de Música II e no Projeto de Ensino “Grupo de estudos de Musicografia braile”, com observações não participantes, junto à elaboração de diários de campo e acompanhamento de algumas aulas da aluna.

3.2 Técnicas de produção de dados: a entrevista semiestruturada e os conceitos

As técnicas para a produção de dados foram realizadas a partir da inserção não participativa, as aulas observadas foram relatadas em diários de campo relatando o processo de ensino aprendizagem em aulas teóricas e práticas, como mostra o primeiro quadro, com três professores e um técnico. As observações das aulas do eixo pedagógico foram iniciadas no mês de agosto do ano de 2016.

As entrevistas semiestruturadas se estruturam a partir de perguntas orais, de viva voz, colhendo informações face a face, interagindo com o entrevistado, observando postura corporal e expressões faciais que podem ser consideradas informações relevantes (PENNA, 2015). Foram utilizados recursos que auxiliaram na produção dos dados, tais como fotos e filmagens. Essas entrevistas foram realizadas com os três professores, o técnico e a aluna no mês de setembro do corrente ano.

Toda a demanda da pesquisa se deu nas salas de aulas da universidade e por um motivo real, que é buscar subsídios para que os futuros professores de música do curso de Licenciatura em Música da Unipampa, possam lidar com a realidade eminente que é o ingresso desses alunos inclusos nas escolas de educação básica e superior do Brasil. Assim sendo, quando forem para a sala de aula estarão preparados para receberem esses alunos e terão conhecimento de como realizar um trabalho de educação musical que inclua esses alunos.

A seguir mostrarei o esquema de coleta de dados, grupo alvos observados e entrevistados, sendo eles três professores, um técnico e a aluna de inclusão, juntamente com os meses em que aconteceram tais inserções.

Tabela 1-Quadro de técnicas de coleta de dados

Técnicas de coleta de dados nos diferentes espaços de aprendizagem Grupos alvos	Componente curricular e Projeto de ensino	Observações	Entrevistas
----------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------	-------------	-------------

Prof. Bruno Ângelo	Harmonia II	4	1
Profª. Lúcia Teixeira	Fundamentos da Regência I	3	1
Prof. Rafael Silva	Metodologia e prática de ensino de música II	3	1
Téc. Igor Krüger	Projeto Ensino de Musicografia braile	4	1
Aluna Rosane Serpa	-----	14	1

Fonte: Autora

Nesta pesquisa são utilizados os nomes de todos os participantes envolvidos nas diferentes fases da investigação pelo fato de não se oporem em revelar seus nomes a partir da aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado nos anexos deste trabalho. Neste sentido, Penna (2015), faz referência sobre a importância de não prejudicar os envolvidos na pesquisa, procurando ser criterioso e sigiloso, o qual está relacionado ao anonimato, mas que, neste caso, não prejudica aos participantes da mesma.

Tabela 2-Quadro do cronograma da pesquisa

Semestre	2016-1	Técnicas
	2016-2	
	Jun/Jul/Ag	Observação Não Participante
	Jun/Jul/Ag	Diário de Campo
	Setembro	Entrevistas
	Outubro	Análise de dados
	Novembro	Resultados

Fonte: Autora

No semestre 2016 I e II foram se desenvolvendo as observações não participantes, os diários de campo, as entrevistas, análise de dados e resultados desta pesquisa. É relevante considerar que a aluna teve, em alguns dias, dificuldade de

estar em sala de aula por morar em zona rural e ficar assim impossibilitada devido ao mau tempo climático.

Tabela 3-Quadro de observações, diários de campo e entrevistas.

Semestre 2016-1 2016-2	Grupo alvo Técnicas	Professor	Componente Curricular	Nº Obs/ Entrevistas	Técnico	Aluna
Jun/Jul/Ag	Observação Não Participante	Bruno Ângelo	Harmonia II	4	Igor Krüger Projeto Ensino de Musicografia braile 4 obs	X
		Lúcia Teixeira	Fundamentos da Regência I	3		
		Rafael Silva	Metodologia e prática de música II	3		
Jun/Jul/Ag	Diários de campo	Bruno Ângelo	Harmonia II	4	Igor Krüger Projeto de Ensino de Musicografia braile 4 obs	X
		Lúcia Teixeira	Fundamentos da Regência I	3		
		Rafael Silva	Metodologia e prática de música II	3		
Setembro	Entrevistas	Bruno Ângelo	Harmonia II	1	Igor Krüger Projeto de Ensino de Musicografia braile 1 Entrevista	1
		Lúcia Teixeira	Fundamentos da Regência I	1		
		Rafael Silva	Metodologia e prática de música II	1		

Fonte: Autora

Essa tabela organiza o trabalho realizado nos meses que se seguiram, tendo em vista a grande demanda de dias envolvidos em observações não participantes, diários de campo e entrevistas semiestruturadas. Para que o leitor possa ter a dimensão do trabalho realizado e da urgência de fomentarmos a perspectiva da

educação inclusiva em nosso curso, sem deixarmos de repensar nossos objetivos e fazermos uma educação que envolva não somente o aluno incluso, como também os demais graduandos do curso, que certamente, em sua jornada e exercendo sua função como educadores, encontrarão alunos com as mais diversas deficiências em sala de aula.

4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Foram apuradas informações, a partir de coleta de dados, sobre as experiências institucionais para oferta de atendimento educacional especializado nos IFES, em âmbito nacional, principalmente, da Região Sul. Nesta ocasião, pude conhecer mais os setores da universidade que lidam com a temática, envolvendo-me em questões que norteiam as práticas de inclusão, participando de cursos e palestras na área da inclusão no ensino superior.

Seguindo essa linha, a presente pesquisa teve por objetivo contribuir na busca de meios e métodos a serem utilizados com a aluna de inclusão em sua trajetória acadêmica musical, conhecer quais procedimentos estão sendo adotados pelos professores e o técnico que atuam diretamente com ela na graduação e evidenciar aspectos relevantes para a compreensão das questões dessa pesquisa.

Tive acesso a esses dados através de diários de campo com observações não participativas e entrevistas semiestruturadas, que me possibilitaram entender o processo pelo qual a aluna passa e que métodos e materiais são utilizados nas aulas, bem como o ensino aprendizagem dentro do curso. Mesmo ciente de que as observações não participantes de certo modo interferem na cena observada, essa experiência foi um tanto desafiadora para mim por ser comunicativa e ter relações interpessoais com todos os alunos da graduação. Assim sendo, para Flick “quanto maior a facilidade para se supervisionar um campo, maior será a dificuldade para se participar deste sem se tornar um membro” (FLICK, 2009, p.205). Essa situação tornou-se desafiadora mediante a amizade que mantenho com a aluna em questão e demais colegas do curso, promovendo momentos de muita reflexão e concentração em detalhes, que mesmo sendo eu organizada e detalhista, passam despercebidos em sala de aula do cotidiano.

Os diários de campo e entrevistas foram separados por eixos, primeiramente as perguntas aos professores e técnico foram direcionadas quanto à visão do

professor sobre a perspectiva da educação inclusiva, experiências, relatos e formação. A experiência no corrente curso como avaliação, escolhas metodológicas, recursos e materiais didáticos, resultados e expectativas. Também, perguntas relacionadas com o aspecto pessoal em sua reflexão, conquistas e frustrações. As perguntas referentes a aluna foram quanto sua percepção sobre a perspectiva da educação inclusiva, experiências, relatos e formação. E no que se refere ao aspecto pessoal, reflexão, conquistas e frustrações. Os dados foram catalogados e direcionados no sentido de responder as questões e objetivos propostos.

Essas informações foram catalogadas por tópicos apresentados no capítulo da análise de dados, reforçando a ideia de aprendizado enquanto aluna de uma licenciatura. Esses pontos foram ponderados e discussões levantadas, pois irão surgir em qualquer trajetória de um professor de música ao se deparar com alunos inclusos em suas salas de aula.

Por aspectos éticos resolvi em minha pesquisa não manter a fidelidade de entrevistas como redigidas, tendo o cuidado tanto com o planejamento e com a coleta e análise dos dados. Colocando na tabela de formação e experiência prática a ordem alfabética e contextualizando sobre o tema com a mais significativa naturalidade dos fatos, não intervindo sobre o objeto estudado, mas revelando-o como o percebo (GIL, 2008).

A realização das observações e a elaboração dos diários de campo proporcionaram-me conviver com a aluna em suas aulas, bem como o dia a dia dos professores e as práticas pedagógicas quanto o seu planejamento. Pude perceber as diversas nuances desse aprendizado e constatar o avanço considerável da aluna em relação a esse emaranhado de informações, quase todos através de gravações. Observei os métodos utilizados pelos professores, que não são da área inclusiva, ao ministrarem suas aulas e o olhar diferenciado dos que tiveram de certo modo, experiências prévias com alunos inclusos antes de se depararem com a aluna em questão.

4.1 Materiais Didáticos e Métodos acessíveis

A aluna Rosane é ativa, apresenta seminários com a ajuda de bolsista que auxilia na apresentação de powerpoint, é assídua e pontual. O curso está

proporcionando meios para que ela possa desenvolver seus estudos e, como ela mesma relata, tem crescido e amadurecido em sua concepção enquanto futura professora de música:

Olha, eu amadureci quanto as ideias assim que eu tinha, as visões de mundo em relação ao ensino a questão de que a música não é só “pra” uma pessoa... que tem...que nasce com isso, que a música se aprende. Tem uma coisa que ninguém tira que pode se dizer que é dom é a questão da sabedoria é a questão da capacidade de aprender e através da capacidade de aprender se pode muitas coisas, se pode cantar, muitos podem não cantar muito bem mas aprendendo a cantar todo trabalho é válido. (Trecho extraído da entrevista realizada com a aluna Rosane em 05/09/16)

O que percebi em algumas aulas como Harmonia II, é a dificuldade de adaptar materiais didáticos para que as aulas possam ser melhores compreendidas pela aluna, como os materiais concretos:

O professor começou a aula corrigindo exercícios, explicou conteúdos e a aluna escutou o tempo inteiro. Continuou usando os mesmos materiais didáticos como powerpoint, quadro, piano e computador. A aula foi expositiva, o professor falou no geral para toda a turma e disse a aluna que retomaria o conteúdo no reforço em separado. (Trecho extraído do diário de campo em 16/08/16)

Como relatei anteriormente em minha experiência nas aulas de reforço de Harmonia I, do semestre 2015/2, fazendo menção ao material concreto que foi utilizado por ela na ocasião, isso fez com que ela compreendesse o sentido de empilhar terças, o que veio reforçar a ideia que é necessário buscar meios e materiais concretos para que a mesma possa melhor formular a sua concepção sobre os conteúdos propostos em sala de aula.

O referido professor usa o piano como material didático, oraliza o conteúdo em suas aulas, mas sente dificuldades bem severas nesse processo e relata que já buscou alternativas e materiais para implementar em suas aulas de Harmonia, mas não teve sucesso em sua procura e como relatado por ele, a fase em que ela se encontra nos estudos de Musicografia braile, ainda são muito básicas:

Na verdade o conteúdo deveria ser adaptado, eu já tentei fazer, já gravei algumas partes do conteúdo mas é muito difícil pro professor, na verdade toda a teoria é escrita, toda a teoria é pensada através da escrita e da leitura e não é uma leitura verbal que poderia usar o braile, é uma leitura musical. Essa imediatas da leitura e da escrita é que permite as pessoas reconhecerem e lembrarem das coisas, ela não tem isso e eu não tenho a

oferecer pra ela algo que substitua e que possa tornar o ensino efetivo. Eu estou acompanhando o processo dela mas ela está ainda em um estágio que não serve pra mim. Para escrever não é esse o caminho, tinha que ser um material adaptado, só que eu não tenho condições de oferecer isso pra ela. (Trecho extraído da entrevista realizada com o professor Bruno, em 31/08/16)

Em suas perguntas a aluna demonstra domínio e percepção sobre o assunto de acordes e tonicização, isso, como pesquisadora, me leva a refletir que mesmo Harmonia sendo um componente curricular de difícil adaptação para ela, pois algumas questões e conteúdos ela não compreende, ainda falta buscar esses subsídios para que a aluna possa compreender totalmente o conteúdo.

A aluna encontra-se no início do aprendizado quanto a Musicografia braile, no entanto, Tudissaki (2015), reforça a ideia de que os sentidos têm as mesmas características e potencialidades para todas as pessoas, por esse motivo é importante possibilitar a coleta de informação por meio dos sentidos remanescentes. As informações tátil, auditiva, sinestésica e olfativa são mais desenvolvidas pelas pessoas com deficiência visual, porque elas recorrem a esses sentidos com mais frequência para decodificar e guardar na memória as informações, sendo essa uma porta de entrada de dados e informações que serão levados ao cérebro.

O técnico em música, explica:

No início ficou com muita informação então a gente vai tentando e errando, isso aqui não deu certo deixa pra depois e simplifica até que a gente conseguiu chegar num nível de informação que fosse assimilável de uma semana pra outra. E aí a gente vai incluindo uma informação nova, duas informações novas dos exercícios que vão de uma semana pra outra e esses exercícios eles são transcritos e criados no momento ali do encontro. (Trecho extraído da entrevista como o técnico Igor em 05/09/16)

O professor de Metodologia e Prática de ensino de música II usou esses recursos também em suas aulas quando pensou em estratégias para que a aluna pudesse compreender suas aulas:

[...] eu estou sempre o tempo todo recorrendo a isso, então eu tentei cada vez mais puxar outros recursos, outros recursos de tato, de olfato e tal, eu vou descrever como que era as ruas, como é que eram os carros, como é que eram tal, e a Rosane vai ficar perdida... eu vou descrever em termos de olfato, de tato. Daí eu comecei a contar, imaginem uma cidade em que as ruas são de terra, ela molha assim quando chove, você pisa no molhado, sente o cheiro de terra. Eu estava tentando trazer eles para aquele momento em que os primeiros educadores estavam dando aula, pra que sociedade eles estavam dando aula. E eu tentei trazer coisas do olfato, do tátil, eu piso e

afundo o pé. (Trecho extraído da entrevista com o professor Rafael em 27/09/16)

Nas aulas do projeto de ensino de Musicografia são utilizados alguns materiais didáticos como relata o técnico entrevistado:

[...] basicamente o material didático propriamente dito são o método de solfejo "Solfeo de Los Solfeos", tem um método de solfejo antigo que nós começamos é do Frederico Nascimento que é dos anos 50 mas que eu escolhi, acabei escolhendo esse por que ele começa com três notas que é o dó, ré, mi. Aí no próximo, dó, ré, mi, fá, a cada série de exercícios vai entrando uma nota nova. E por que? Temos que ter consciência que cada nota é um símbolo diferente e é um símbolo que varia de acordo com a duração. Se for colcheia é um símbolo parecido, o dó colcheia é parecido com o dó semínima mas ele tem um ponto a mais, não sei se estou sendo claro? Tu acompanhaste lá, tu sabes. Então eu tenho tomado cuidado para que cada um desses símbolos seja colocado progressivamente, e eu sempre respeito o ritmo dela. (Trecho extraído da entrevista com o técnico Igor, em 05/09/16)

O uso do reglete, punção, máquina braile, o software Musibraile, flauta doce soprano e notebook também são utilizados pelo técnico:

Nessa aula o técnico pediu a aluna para começar lendo uma partitura em Braile com exemplos da aula anterior, solfejou e tocou as notas na flauta doce soprano, logo a seguir digitou mais solfejos na máquina de Braile. Os materiais didáticos utilizados foram, maquina Braile, flauta doce, solfejo da apostila que o professor está criando e um notebook. Ele corrige e orienta a aluna no solfejo, bem como nos tempos, posição das notas na flauta. (Trecho extraído do diário de campo em 23/08/16)

Assim como o uso de ferramentas, recursos didáticos e técnicas que auxiliam no desenvolvimento cognitivo da aluna, os meios tecnológicos também têm um papel relevante, como por exemplo, o uso de Tecnologias Assistiva na educação musical. A Tecnologia Assistiva é um termo utilizado para identificar os recursos que contribuem para ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e promover a sua inclusão.

Outra questão é o acesso a e-mails, todo o conteúdo e exercícios são enviados, mas como a aluna mora em uma região rural não tem acesso direto à internet e muitas vezes apresenta dificuldades no uso do computador, esta situação torna praticamente inviável a comunicação fluente entre a aluna e as exigências cotidianas do curso:

Na aula tudo é visual, só falado, tanto as datas de entregas dos trabalhos como conteúdo, a aluna apresenta dificuldade de acessar os e-mails. (Trecho extraído do diário de campo em 09/08/16)

Em relação às limitações de acesso à internet e o domínio da tecnologia, observa-se que, no desenvolvimento de trabalhos, existem obstáculos ainda a serem superados:

A aluna chegou atrasada em aula, o professor estava corrigindo alguns exercícios no powerpoint que havia enviado por e-mail aos alunos, explicou e contextualizou sobre o conteúdo, mas ela não tinha conseguido acessar os e-mails. (Trecho extraído do diário de campo em 23/08/16)

Em uma de minhas entrevistas ao professor de Metodologia e Prática de ensino de Música II, ele relatou-me que começou a trazer o material impresso em braile para a aluna inclusa, mas que a aluna comentou que preferia que mandasse por e-mail os conteúdos:

Eu estava trazendo sempre os textos em Braile pra ela e coitada ela estava com uma pilha de coisas da disciplina de Leitura e Escrita, ela saía com um pergaminho enorme de texto e ela não conseguia acompanhar as coisas. Até que uma hora ela falou, olha o senhor me manda por email, me manda em word por e-mail que eu baixo e escuto porque não tem como. (Trecho extraído da entrevista realizada com o professor Rafael em 27/09/16)

O professor também teve o cuidado de descrever o que estava sendo passado no powerpoint, começou a rever suas aulas de modo que a aluna pudesse entender o que estava sendo oralizado em aula. Primeiramente criou alguns materiais concretos:

Eu tentei fazer coisas de alto relevo com barbante, com papelão, porque eu ia dar a aula do Gazzi Sá e ia mostrar que Gazzi Sá começa a ensinar música com uma linha na pauta. Ele coloca bolinha para baixo, bolinha no centro e bolinha para cima, então antes de colocar o pentagrama ele bota uma linha só, um monograma. E daí eu preparei a aula, aquilo era fundamental para entender Gazzi Sá ... não sei se eu subestimei, de repente eu explico e ela entende uma imagem, não sei. Mas como ela é cega desde criança eu não confio que ela tenha imagem mental das coisas, que ela tenha uma imagem construída do que eu possa dizer que é uma reta, olha uma linha, abaixo da linha, acima da linha. (Trecho extraído da entrevista realizada com o professor Rafael em 05/09/16)

A aluna usa em seu computador o Dosvox, um programa de voz que possibilita edição de texto e visualizador de arquivos e isso facilita seus estudos, e em breve para o início de 2017 será lançada uma plataforma de pesquisa para deficientes

visuais o Wikispeech e isso facilitará o trabalho de pesquisa nos seus estudos acadêmicos.

A oralidade é a principal ferramenta desenvolvida, sendo que o que está acontecendo em aula é relatado e descrito pelos professores a aluna, assim como o tato:

Eu não preparo as aulas com estratégias especiais para a aluna incluída, eu simplesmente dou as aulas como tenho que dar e várias informações que dependem muito do visual eu acabo oralizando da maneira que eu consigo. (Trecho extraído da entrevista realizada com o professor Bruno em 31/08/16)

E como mencionado pela professora é tudo visual e tudo muito oralizado, principalmente nos componentes do uso da voz como regência:

Nós não tivemos problema nenhum, que era basicamente a montagem das peças, estudo de algumas músicas e toda parte digamos teórico, que é teórico-prático, foi trabalhada no sentido como eu te falei, muito falado em aula. (Trecho extraído da entrevista realizada com a professora Lúcia em 15/09/16)

A voz e o tato tornam-se essenciais nesse componente:

Eu disse: “Rosane, eu vou precisar que tu me permitas que eu te toque, porque não tem outro jeito de tu perceberes altura de braço, o quão esticado ou não ele tem que estar, posição da mão, vira pra cá, gira pra lá. O próprio gestual, a marcação dos compassos”. Ela disse: “não professora, não tem problema nenhum, estou aqui para aprender” (Trecho extraído da entrevista realizada com a professora Lúcia em 15/09/16)

Não é somente exigindo da aluna que conseguiremos avançar no processo, pois cada aluno tem seu tempo de aprendizado mas, concluo que meios e recursos didáticos existem para o ensino aprendizagem, o que falta são professores especializados que ensinem com os recursos adequados para que a aluna desenvolva o aprendizado, tais como os recursos da tecnologia assistiva, a adaptação de materiais didáticos e conteúdos e a avaliação personalizada.

4.2 Formação e experiência docente com a Inclusão

As tensões e desafios que se colocam para a formação dos professores quanto à diversidade e a inclusão, são algumas questões atuais que desafiam os educadores. Mesmo aqueles que não tiveram nenhuma formação na área são envolvidos nessas

questões, ou seja, precisamos discutir como está se materializando essa questão e quais são as condições concretas de trabalho dos profissionais da educação.

Apesar do tema inclusão ser vigente e inclusive urgente também dentro da área pedagógica musical, pouco são os educadores musicais que se encontram de fato preparados para lecionar música para alunos com deficiência. Ainda é escasso o número de pesquisas e literatura sobre esse assunto no campo acadêmico musical, bem como pouco se sabe sobre o desenvolvimento de materiais e metodologias específicas ou adaptadas para o fazer musical artístico-pedagógico dessa população (MELO, 2011).

Nesta pesquisa, todos os profissionais da educação envolvidos não tiveram formação na área da Educação Inclusiva, mas isso não os impediu de buscarem recursos, ainda que escassos, para que pudessem ministrar suas aulas.

O quadro a seguir mostra a formação dos professores e técnico na perspectiva da educação inclusiva, experiência prévia dos pesquisados e materiais didáticos e métodos utilizados pelos mesmos por ordem alfabética, não comprometendo suas escolhas em uma escala de avaliação:

Tabela 4-Quadro-Formação, experiência e materiais didáticos utilizados

Professores/ Técnico	Formação na área inclusiva	Experiência prévia/alunos de inclusão	Materiais didáticos e métodos utilizados
Bruno	Não	Não	Oralidade, Piano, PowerPoint.
Igor	Não	Sim	Oralidade, Solfejo, Musicografia braille, Piano, Reglete, Punção e folha 120gr, Flauta doce soprano, Notebook, Dosvox e Musibraile.
Lúcia	Não	Não	Oralidade, Tato, PowerPoint, Piano.
Rafael	Não	Sim	Oralidade, PowerPoint, Material concreto.

Este quadro mostra a utilização desses materiais e meios e devido a diferença quantitativa para a dos componentes curriculares ao projeto de ensino, considero válida a explicação de que o mesmo se trata de um projeto voltado ao estudo específico da Musicografia braille e por esse motivo utiliza mais recursos.

A formação e experiência dos professores que lidam com a aluna é de total relevância nessa trajetória, como nos relata o professor de Harmonia II:

É uma responsabilidade minha de me informar se existem meios adaptados para o ensino de harmonia, o que eu já fiz mas não encontrei mas poderá ter em algum lugar, também a musicografia Braille quem sabe acelerar o processo dela, mas são coisas que eu não consigo dar conta. (Trecho extraído da entrevista realizada com o professor Bruno em 31/08/16)

A experiência prévia do técnico facilitou o processo e o fez encarar um projeto de tal porte. A experiência prévia com alunos de inclusão possibilita uma visão mais ampla do trabalho a ser realizado, como o técnico Igor que foi voluntário na Escola Louis Braille em Pelotas/RS. Mesmo sendo sem partituras, o trabalho com um coral de crianças e adolescentes foi realizado com arranjos de músicas, gravações e apresentações, mas tudo “de ouvido” como ele mesmo relata.

Quando eu estava na graduação eu fui convidado, eu sou de Pelotas, pra ser voluntário na escola Louis Braille que é para cegos. Então lá por algum tempo, eu não tenho exatamente o tempo, mas foi um semestre que nós conseguimos montar um coral de crianças e adolescentes lá do projeto mas era tudo de ouvido, nós preparávamos os arranjos e as músicas, as apresentações, levando gravação, repetindo, sem partitura (Trecho extraído da entrevista realizada como técnico Igor em 05/09/16)

A professora do componente curricular Fundamentos da Regência I, relata sua experiência com a aluna e nos fazer refletir sobre a importância e o cuidado do professor quanto a aluna e suas necessidades. Ela usou a oralidade e o tato para que a aluna pudesse formar uma imagem em seu cérebro de como poderia reger videntes. A experiência que a aluna tem de regência é do coral da associação de deficientes visuais que participa, onde a pedido do regente, faz exercícios de respiração e vocalizes. Com deficientes visuais é diferenciado o método, o trabalho com eles se baseia na combinação.

Bom, tudo se modifica no momento que a gente tem um aluno de inclusão. Primeiro precisa se conhecer qual é a necessidade desse aluno, se é um aluno que tem deficiência visual, um aluno que tem qualquer tipo de necessidade...e tu tens que pensar, transformar teu componente incluindo essa pessoa então só aí tem uma grande modificação sim. Implica que o professor pense no caso do deficiente visual que tudo que se diga e tudo que se mostre, por exemplo, que tenha a palavra esteja à frente. Porque não adianta estar mostrando um powerpoint à turma se ela não consegue enxergar. Então toda a fala do professor, tudo tem que ser voltado sempre pensando que existe uma pessoa que não está enxergando e que precisa

desta informação falada. (Trecho extraído da entrevista realizada com a professora Lúcia em 15/09/16)

A professora escolheu se inserir no contexto musical da aluna para melhor entender o processo:

Ela me convidou a ir ao coro da associação para assistir ao trabalho dela, então eu tive essa aproximação com eles e com o espaço onde ela tem uma atuação musical e como preparadora vocal.

Então fui até lá, conversei com eles, conheci também o grupo, então essa aproximação com esse trabalho dela já me ajudou também a enxergar essa realidade. Porque lá quase todos são deficientes visuais, então eu vi a forma como eles trabalham e muitas coisas eu perguntei para ela Rosane como tu farias isso? Como é que tu fazes? porque lá ela trabalha muito a questão da técnica vocal... ah professora eu faço assim. Quando eu fui, eu vi como ela fazia e pude ajuda-la também nesse aspecto. (Trecho extraído da entrevista realizada com a professora Lúcia em 15/09/16)

E como mencionado por ela, foi sua primeira experiência em sua trajetória com inclusão:

A professora mencionou a aluna que essa experiência fora a primeira em sua trajetória a ministrar um componente de regência, ajudando com o tato uma aluna deficiente visual. (Trecho extraído do diário de campo em 12/07/16)

O relato do professor Rafael, do componente curricular de Metodologia e prática de ensino de Música II, traz-nos a realidade de como o professor pode rever seus conceitos e remodelar suas aulas. A experiência do professor Rafael, como orientador de estágios na Universidade de Caxias do Sul /RS, foi de busca do conhecimento nessa formação sobre alunos de inclusão. Também como ele relata, deu aulas particulares para um aluno com baixa visão e isso o fez repensar o modo de ministrar suas aulas de maneira que se fosse preciso, todos pudessem entender o conteúdo proposto e não somente o aluno em questão:

Na aula de instrumento que eu dava, aula de violão, aula de cavaquinho, era tão automático pra mim falar algo e quando a pessoa tem alguma dúvida eu ir para quadro, que quando, levou algumas aulas eu entender, que não adiantava eu ir para o quadro, que qualquer coisa que eu escrevesse não ia ajudar. Então foi isso, essas experiências de baixa visão e analfabetismo, que me ajudaram, por exemplo. Hoje eu acho que aquilo ficou batendo na minha cabeça há algum tempo e quando eu vejo a Rosane, por exemplo é uma coisa que eu lembro daquele senhor, lembro daquela situação em que eu não podia recorrer ao quadro, ao recurso visual que eu tinha em mãos, como é que eu ajudo uma pessoa que eu não posso usar esse recurso. (Trecho extraído da entrevista realizada com o professor Rafael em 27/09/16)

A urgência quanto a formação dos professores para atuarem na perspectiva da educação inclusiva, nos mostra o quanto os professores estão se esforçando para buscarem meios de levar esse conhecimento até a aluna. Não somente a experiência prévia foi consideravelmente preponderante nessa relação aluno-professor como o cuidado na inserção do universo musical da aluna.

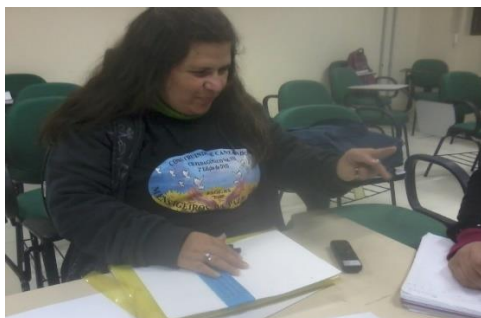
4.3 O planejamento das aulas na perspectiva inclusiva

O planejamento faz parte do cotidiano do professor e principalmente com alunos de inclusão, essa demanda deve estar presente o tempo todo. Ao planejar suas aulas o professor Rafael relata que, um tipo de aula que ele estava acostumado a ministrar, com a presença da aluna Rosane, é agora repensada:

De qualquer forma tudo que eu tive que ensinar, eu tive que dar um jeito por absurdo que seja. Ensinar manossolfa para Rosane foi um super exercício de quebrar a cabeça, por que eu acho que é o recurso mais visual que a gente tem na história da educação musical. Então isso foi uma coisa de me quebrar a cabeça, mas eu acho que eu não mudei significativamente o conteúdo. Tentei no máximo possível incluir ela dentro de uma dinâmica que a gente já teria. (Trecho extraído da entrevista realizada com o professor Rafael em 27/09/16)

Foi um meio através de gestos de ensinar exercícios do Dó móvel da metodologia Kodaly, o manossolfa, que mais tarde foram adaptadas pelo compositor Heitor Villa-Lobos.

Figura 8: Imagem da Aluna fazendo os gestos do Manossolfa



Fonte: Arquivo pessoal

Vendo esse planejamento como um meio de exploração de recursos o trabalho em grupo possibilita interações como lemos a seguir:

O planejamento do professor está sendo de trabalho em grupo, onde cada grupo fica em uma sala com o piano para seus treinos. O professor atendeu todos os grupos circulando pelas salas, ele entrevistou primeiramente com os alunos que estão ao piano com a partitura impressa em tinta. (Trecho extraído do diário de campo em 28/06/16)

O técnico em música avança conforme a necessidade e o desempenho da aluna, como relata a seguir:

Não tem nada engessado, eu nas minhas últimas pesquisas que fiz, trabalhei com a educação musical de uma forma geral e o principal elemento que tem nessas pesquisas é a motivação, e dentro da motivação tem uma coisa que chama auto regulação. E eu procuro usar esse auto regulação, procuro programar as metas. Quero que ela aprenda ponto de aumento, se o método "A" funciona, eu testo o método "B", se o método não está funcionando, esta é a questão, por esse auto regulação eu não tenho nada engessado. Eu tiro aquele método "A" e coloco o método "B" ou eu crio um exercício. Porque o objetivo não é seguir um método, o objetivo é que ela aprenda a ligadura, que ela aprenda a colcheia, que ela aprenda a fazer o solfejo, que ela aprenda a tocar na flauta. (Trecho extraído da entrevista realizada com o técnico Igor em 05/09/16)

Também o professor precisa ficar atento aos detalhes e contexto de ensino e procurar atender a demanda da aluna em relação aos colegas, segundo a aluna, significa sair da zona de conforto:

O professor José Daniel, que é o professor de violão e que é uma pessoa muito querida e muito atenciosa, porque uma coisa que ele notou é que eu nunca toquei, entende? Eu nunca toquei, eu tinha violão mas eu não sei nada. O que ele notou é que eu precisaria do básico para aprender, sabe aquele básico de saber todas as notas, saber achar acordes. E os guris já sabiam mais ou menos como é que são os acordes, como é que se toca. (Trecho extraído da entrevista com a aluna Rosane em 05/09/16)

É importante salientar a necessidade de criar estratégias e meios de comunicar o conteúdo de maneira que possa ser compreendido:

Com a regência já ao final das práticas vocais II, no semestre seguinte seria os fundamentos da regência, ela já me perguntava, professora como vai ser pra regência? E aí me colocou a pensar no final daquele semestre, em como realmente como eu lidaria com a questão.

Aí entramos em férias e tinha também esse tempo para pensar, então aí, tu me perguntas qual foram os meus critérios, bom, todo dia eu terei a presença da Rosane, então tudo o que eu estiver explicando, como é um compasso binário, um compasso ternário, além de falar muito e mostrar, o gestual eu vou ter que cada gesto, explicar também o meu movimento. Então isso foi uma coisa que eu tive que estar muito atenta a mim sempre, por exemplo compasso binário é tipo um guarda-chuva o desenho, então a marcação do um para baixo depois o rebote para lado direito por que ela não estava enxergando e muitas vezes ao falar e mostrar eu não mostrava eu fazendo, mas já chamava a Rosane e fazia o movimento com ela, segurando o braço dela e ela mostrando para os colegas. Então foi todo um pensar diferente. (Trecho extraído da entrevista realizada com a professora Lúcia em 15/09/16)

E pensar na educação musical para os colegas que interagem com ela:

Mas a questão da regência, da marcação, a própria condução dela a frente do grupo, então tu tinhas que especificar. A tua esquerda está o grupo tal, a tua frente tal e a tua direita tal e tu vais fazer esse movimento de entrada. Por que isso foi uma aprendizagem para ela com certeza e para todos nós. Para mim nos critérios de preparação da aula metodológica. (Trecho extraído da entrevista realizada com a professora Lúcia em 15/09/16)

O estudo do projeto de ensino vem sendo planejado com os demais professores que compõe esse grupo:

Nessa aula a professora Elaine, de flauta doce estava presente e deu algumas orientações para a aluna, contextualizou sobre o grupo de estudos em musicografia Braille, no qual faz parte e disse que enviaria mais materiais para que eles pudessem transcrever para o Braille para estudos posteriores. (Trecho extraído do diário de campo em 23/08/16)

O planejamento dos professores em casos como a Educação Inclusiva, tem-se mostrado de extrema importância assim como a criatividade e as estratégias a serem tomadas. Avançar conforme o desempenho da aluna e sair da zona de conforto demanda tempo e esforços desses profissionais.

4.4 Dificuldades e potencialidades no ensino e aprendizagem de música

Para um deficiente visual o campus universitário é um espaço de grandes dimensões, sem acesso e com a devida sinalização, o que torna inviável o deslocamento dentro do campus:

Quando cheguei para a aula de observação notei que a aluna estava subindo as escadas de acesso a sala no 2º piso com o técnico responsável pela aula. Ele, por sua vez, orientava a aluna na subida se caso houvesse algum obstáculo no percurso e quantos metros ainda havia que caminhar pelo corredor até chegar na sala de informática onde são realizadas as aulas. Isso sempre é feito por não haver sinalização no chão, nem no final da escadaria mostrando a aluna que direção deve tomar. (Trecho extraído do diário de campo em 21/06/16)

A própria aluna relata essas dificuldades:

É uma universidade grande, o pessoal lá da associação me questiona que eu tenho que aprender a andar sozinha, tudo bem, uma coisa que acredito, tu tens que ter tempo para aprender, porque isso aqui é enorme, parece não ser mas é grande. (Trecho extraído da entrevista realizada com a aluna Rosane em 05/09/16)

O curso de Licenciatura em Música em sua trajetória está buscando meios para que a aluna se desenvolva, com pesquisas, cursos e propostas fora da universidade para que a aluna possa estudar com acessibilidade, como relatado pela aluna:

Pra ti ter uma ideia essa professora que nós conseguimos ano passado para dar cursos de música aqui, para dar o nosso intensivo que eu e o Igor fizemos é lá de São Paulo, então é de muito longe e é muito caro. (Trecho extraído da entrevista realizada com a aluna Rosane em 05/09/16)

A cobrança para que a aluna seja independente torna o processo delicado, ela não aprendeu a andar sozinha, sempre acompanhada da mãe e tem muitas dúvidas acerca do estágio supervisionado em música, o qual iniciaria no próximo semestre:

As pessoas vão ficar cobrando, porque cobrar é uma coisa que é fácil, é fácil cobrar, agora encontrar alguém que ensine, disposto a um tempo, nem que seja de férias. Porque as coisas têm que ser um tempo certo para aprender. Porque isso é coisa que tinha que ser feito lá traz. Cobrar é bem fácil, mas fazer o que teria que ter feito antes não foi feito. Então é essa a coisa o aluno tem que aprender desde pequeno, a fazer as coisas porque ele sabe que vai fazer falta depois. (Trecho extraído da entrevista realizada com a aluna Rosane em 05/09/16)

Com relação ao estágio supervisionado, segue um trecho do Projeto de Pesquisa “Educação musical mediada por tecnologias digitais acessíveis” Projeto de Desenvolvimento Acadêmico (PDA 2016) coordenado pela professora Carla Lopardo, que tem como objetivo organizar tecnologias digitais de informação e comunicação que colaborem à educação musical em contexto educacional inclusivo:

Nesse contexto, atualmente está sendo desenvolvida uma plataforma digital com foco no âmbito dos estágios obrigatórios do curso de Licenciatura em Música envolvendo, deste modo, as contribuições de áreas como Engenharia de Software, Interação Humano-Computador, Desenho Universal e Objetos de Aprendizagem. Este repositório digital de materiais didáticos para os estágios curriculares em música foi pensado com base na realidade vivenciada por uma aluna deficiente visual do nosso curso. Em parceria com o curso de Engenharia de Software e Ciência da Computação do campus Alegrete da UNIPAMPA, está sendo desenvolvida uma ferramenta que possibilite a inserção/inclusão real de alunos com algum tipo de deficiência no âmbito dos estágios supervisionados em música. Neste sentido, tem-se como objetivo o desenvolvimento de repositórios de objetos de aprendizagem, com Desenho Universal, que contemplem adequadamente o domínio da educação musical, mas que também possam ser integrados a outros repositórios, além de incentivar espaços de colaboração para o fazer docente em educação musical, em rede, contemplando aspectos como planejamento, práticas didático-musicais e avaliação. Desta forma, o uso destas tecnologias de informação e comunicação incrementam o desenvolvimento das atividades do curso e favorecem o acesso à informação e a aprendizagem de todos os alunos, inclusive daqueles com deficiências específicas. Metodologias e técnicas da área da computação são, assim, colocadas a favor desse desafio, para a melhor compreensão do domínio da educação musical Inclusiva, para a organização e o desenvolvimento de materiais didático-musicais acessíveis, para apoiar professores no planejamento didático que contemple amplamente a todos, inclusive o próprio professor. Para isso, tem-se como objetivo a organização de iniciativas que alinhem a colaboração interdisciplinar e Inter profissional entre as áreas da educação musical e da computação na construção desse instrumento avaliativo inclusivo. A partir desta iniciativa, a coordenação do estágio supervisionado em música, em colaboração com o Grupo de Pesquisa TESA Tecnologia Social e Assistiva e GEInfoEdu Grupo de Estudos em Informática na Educação, desenvolveu solução tecnológica inovadora voltada ao planejamento docente de modo indissociável, contextualizado, transdisciplinar, democrático e inclusivo; estimulando a aproximação entre pesquisadores das áreas da Computação e da música para o desenvolvimento de investigação em contexto educacional com potencial de inovação nas práticas da educação musical.(LOPARDO; MELO & MELO, 2016)

Este projeto busca, assim, preencher as carências que outros sistemas ou plataformas digitais não contemplam no âmbito do planejamento docente no desenvolvimento dos estágios obrigatórios em música de pessoas com algum tipo de deficiência. Sendo assim, a aluna poderá utilizar um repositório de materiais didático-musicais acessíveis para a construção das suas aulas no contexto inclusivo.

Pude observar em sala de aula que a aluna interage com os demais colegas, mesmo que alguns não sintam-se a vontade em ajuda-la:

Alguns alunos interagiram com a aluna inclusa ajudando no que fosse necessário e isso se torna uma situação um pouco problemática pois a aluna não consegue utilizar seus materiais sozinha e sempre depende de alguém para orienta-la ou ajuda-la na realização das tarefas. Pelo que notei isso traz um certo incômodo para alguns alunos que demonstram não sentirem-se à vontade em ter que ajudar ou mesmo ser avaliados e exigidos de uma forma diferente da aluna. (Trecho extraído do diário de campo do em 21/06/16)

E quando a aluna faz perguntas para que o conteúdo seja consolidado, alguns colegas não compreendem tal atitude. Pude observar nesse contexto: olhares, balançar de cabeça (gesto de negação) e sorrisos quando acontecem as perguntas e isso torna o clima da aula mais tenso, mesmo que a aluna não enxergue tal realidade. Exemplifico com o relato a seguir:

Notei que a aluna fala bastante e interage com a turma, mas algumas das perguntas que para videntes são óbvias, sofreram um certo tipo de preconceito por parte de alguns alunos. (Trecho extraído do diário de campo do em 09/09/16)

O horário do projeto de ensino de Musicografia braile é na sala de informática no andar acima da sala do laboratório do curso de música e coincide com o horário de um projeto de extensão de percussão o que prejudica a aluna que se baseia na audição para se concentrar nas tarefas:

O horário disponível para ambos coincidiu em um mesmo horário que o projeto de extensão de outro professor de música. Como a sala de informática fica logo acima da sala de música, o barulho dos instrumentos de percussão as vezes atrapalha a aluna. (Trecho extraído do diário de campo em 21/06/16)

O professor de Harmonia II usa o piano para demonstrar acordes e exemplificar o conteúdo e, dito pelo próprio professor, a aluna inclusa poderia ser uma excelente monitora de percepção. Mas como implementar e usar isso a seu favor? :

Eu notei muitas conquistas, vários conceitos ela tem presente é uma aluna que tem uma facilidade na questão auditiva impressionante, ela tem um excelente ouvido e ela tem uma excelente memória musical, auditivamente ela reconhece muito bem as coisas e conceitualmente ela conseguiu. Vários conceitos ela já conseguiu entender de uma maneira bastante boa.

A Rosane com certeza tem um potencial de contribuir muito com o curso, já mencionei que ela tem uma facilidade auditiva gigante, muito mais apurada do que a de outros alunos. Ela poderia ser uma monitora de percepção fácil nesse curso, agora como tu implementa isso, porque a gente precisa articular as coisas. (Trecho extraído da entrevista realizada com o professor Bruno em 31/08/16)

Também o projeto de ensino foi pensado para que a aluna possa mais adiante ajudar sendo monitora nesse sentido, mas com a sobrecarga de horários o processo fica lento. A sobrecarga de componentes curriculares para a aluna já foi maior, mas com a ajuda da coordenação do curso a aluna tem se organizado nesse sentido, mas muitas vezes ela não consegue fazer um atendimento individual como deveria e acaba tendo que marcar atendimento em horários de outras atividades como a Musicografia. São muitas as questões que prejudicam esse aprendizado como aspectos climáticos, falta de transporte ou caronas por morar em zona rural, acesso limitado à internet e uso limitado do computador:

No início quando eu redigi o projeto eu tinha uma ideia, vamos fazer um curso, a Rosane vai ajudar a dar o curso e tal, está lá no projeto. Mas aí é claro, chega na hora a Rosane tem um monte de componente, tem trabalho para entregar, tem professor que não pode dar aula por causa de um feriado ou de um congresso vem e marca a recuperação da aula bem no horário do encontro. A Rosane não tem outro horário para fazer a gente tem que adiar aquela semana. E então, na verdade agora eu acalmei um pouco, eu posso te dizer que eu estou bem feliz com o que, até onde a gente conseguiu chegar. Confesso que o plano inicial que está no projeto, eu esperava que fosse estar bem mais longe, mais além, e a gente não está tão além. Não é por culpa da Rosane, não é por culpa do projeto, é por causa que ela tem outras coisas para fazer, porque quando a gente planeja a gente pensa no ideal, que ela tenha tempo livre para ficar solfejando o Braille mas não tem. (Trecho extraído da entrevista realizada com o técnico Igor, em 05/09/15)

A aluna sempre foi esforçada em sua trajetória de vida como ela relata a seguir:

Primeiramente eu comecei a estudar com seis, sete anos na escola especial, na classe de recursos da Escola Justino Quintana, que tinha o prédio para os deficientes visuais aqui em Bagé. Aí eu comecei a aprender a ler e a escrever e a tocar nas coisas e depois que eu aprendi bem o Braille, que eu levei uns dois anos aprendendo o Braille. Depois que eu comecei a aprender a escrever eu fui pro ensino fundamental e depois para o ensino médio e assim sucessivamente. Aí para eu chegar na faculdade eu fiz o ENEM, eu fiz a primeira vez o ENEM, a primeira vez eu não consegui, daí eu fiz pela segunda vez e consegui passar no ENEM por redação e daí eu entrei pelo SISU. (Trecho extraído da entrevista realizada com a aluna Rosane em 05/09/16)

E, apesar das dificuldades, há de se convir que a força de vontade e determinação dela são enormes, como relata o técnico:

Os dois primeiros anos basicamente ela tem gravações, num gravador que ela traz pra aula, que eu sinceramente admiro ela pela força de vontade, pela determinação sobrenatural quase por que, eu não sei se eu conseguiria só com gravação aprender tudo que ela aprendeu, entende? E ter o aproveitamento que ela teve. (Trecho extraído da entrevista realizada com o técnico Igor em 05/09/16)

Por isso devemos buscar, pesquisar e ir atrás de recursos e meios viáveis, pois vontade de aprender não falta para a aluna e ajuda-la nessa caminhada possivelmente seja um dos meios de incentivar o crescimento do curso nessa direção, evoluindo em qualidade.

4.5 Educação Musical Inclusiva no Ensino Superior

A respeito de adaptações que são necessárias a todos os indivíduos nas mais diversas situações, Louro considera que há três tipos de adaptações que podem colaborar com a aprendizagem musical das pessoas com deficiência: a plasticidade cerebral, a Tecnologia Assistiva e as adaptações pedagógicas. A plasticidade cerebral é ativada graças ao estímulo do ambiente, é fundamental o apoio da família, educadores e equipe médica. A Tecnologia Assistiva, no caso específico das pessoas com deficiência visual, permitem o acesso a diferentes equipamentos e acessórios assim como à internet. A adaptação pedagógica dialoga com o acesso ao currículo, de objetos e conteúdo, do método de ensino e do material, dos arranjos musicais e demais adaptações técnico-musicais (TUDISSAKI, 2015).

Cada aluno tem seus meios de assimilação do conteúdo, assim também o aluno de inclusão precisa de seu tempo. A aluna em questão é muito comprometida com a sua formação, mas isso não a impede de ter um tempo de aprendizado individual, talvez suas dificuldades apresentadas no ensino superior deveriam ser corrigidas no ensino fundamental, mas isso não a impede de avançar enquanto indivíduo e aluna numa graduação.

Para a implementação de um projeto inclusivo, do currículo e das práticas docentes, para o ensino e a aprendizagem desses alunos é preciso tornar essa questão uma experiência rica em saberes e discussões que possibilitem não só educadores, mas também, aos alunos de graduação se envolver no processo.

Reconhecemos que há uma orientação nacional, mas como ela se desdobra em cada espaço, cabe a cada grupo de profissionais da educação implementá-la, a partir de suas condições concretas e sua realidade ou contexto. Não podemos abrir mão da nossa responsabilidade de que todos devem se envolver e participar, pois nem todos se sentem à vontade para lidar com esse desafio.

Na área da música são escassos os materiais e trabalhos relacionados e em nível acadêmico, mais ainda, como nos relata o técnico em música:

O que eu sei é que não tem muito pra área da música, não tem muitos trabalhos para esse tipo de atendimento, agora por exemplo libras é obrigatório para todas as licenciaturas, mas as outras necessidades especiais, elas não são contempladas ainda, por exemplo o Braille. Eu acho que a minha visão é que ainda engatinha, é muito inicial muito superficial a inclusão das pessoas com necessidades especiais na universidade. (Trecho extraído da entrevista realizada com o técnico Igor em 05/09/16)

Evidenciar o sistema falido, observando que o processo não funciona como deveria é somente um dos olhares. Como nos relata o professor do componente curricular Harmonia II:

Eu acredito que a Educação Inclusiva no Ensino Superior vem de um crescimento social, de um crescimento de consciência do País que acabou passando para as leis, passou para as políticas públicas também. Só que ainda se encontra num estágio intermediário em que existe a vontade, existe a ordem faça-se mas não existem os meios de implementação e tão pouco existe uma, desde até onde eu posso perceber, uma política realmente efetiva de implementação da Educação Inclusiva e não somente de aceitação ou promoção via leis nas recomendações no Ensino superior. Porque não se inclui simplesmente para não se deixar de fora a pessoa, então pode entrar aqui e participar, a inclusão é também pra que a própria pessoa que está entrando possa contribuir do jeito dela. (Trecho extraído da entrevista realizada com o professor Bruno em 31/08/16)

Harmonia é um componente “braçal”, como o mesmo professor nos relata:

É um componente muito braçal, é um componente técnico e é um componente muito centrado na escrita, então, são dificuldades grandes e por isso eu acho que a realidade não faz jus ao desejado. (Trecho extraído da entrevista com o professor Bruno Ângelo em 31/08/16)

Essas questões nos fazem refletir e acreditar que o curso deveria voltar o olhar sobre esses componentes e juntos pudessem achar uma maneira de resolver essa situação.

Foi pensando nessa urgente demanda que o curso está proporcionando a aluna o aprendizado através de um projeto de ensino, o “Grupo de estudos de Musicografia braile” com a finalidade de usar essa importante ferramenta nesse processo de ensino aprendizagem de música pela aluna. O Musibraile é um projeto desenvolvido no Brasil para o Instituto Benjamim Constant no Rio de Janeiro, por Dolores Tomé (flautista e professora de Musicografia braile) e por José Antônio Borges (coordenador do projeto DOSVOX, do Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro e idealizador do Sistema Braile fácil) para que as pessoas deficientes visuais tenham acesso à escrita musical em braile pois os métodos de solfejo convencionais são feitos para videntes e muitas vezes não servem para ela.

Em outro plano de discussão, no PPC vigente e nos planos de ensino dos componentes curriculares não se faz menção em relação ao aluno de inclusão, por outra parte, na nova versão do PPC, elaborada pelo grupo de professores envolvidos nesse processo de reformulação do curso, aspectos relacionados à inclusão nos diferentes componentes e projetos, foram inseridos como partes fundamentais do mesmo. Assim sendo, atualmente:

No PPC, no que se refere a minha atuação, não tem nenhuma recomendação concreta de como efetivar a Educação Inclusiva, no caso aqui a gente tem a Rosane que é cega, não tem nenhuma recomendação de como efetivar. Aliás no curso para nenhum tipo de deficiência, nem fala de qualquer outra coisa, não lembro de ter no PPC. Eu não coloquei nada no meu plano de ensino, porque eu também não tenho nenhuma estratégia específica que eu conheça como sedimentada teoricamente em algum lugar. (Trecho extraído da entrevista com o professor Bruno em 31/08/16)

As aulas no semestre são reformuladas de acordo com as atividades e progressão em sala de aula normalmente:

Algumas aulas foram reformuladas no sentido digamos de uma progressão do semestre, que normalmente acontece de se planejar um determinado desenvolvimento para uma aula e aí não se consegue aquilo e se replaneja a próxima e assim por diante. Mas nada que tenha sido exclusivo porque ela não tenha tido condições de acompanhar, isso nunca aconteceu. (Trecho extraído da entrevista realizada com a professora Lúcia em 15/09/16)

Há uma modificação no ensino superior em relação ao ingresso desses alunos na universidade como mencionado pela professora Lúcia de Fundamentos da Regência I:

Bom, tudo se modifica no momento que temos um aluno de inclusão primeiro precisa -se conhecer qual é a necessidade desse aluno, se é um aluno que tem deficiência visual, um aluno que tem qualquer tipo de necessidade e tu tens que pensar, transformar teu componente incluindo essa pessoa. Então só aí tem uma grande modificação sim. (Trecho extraído da entrevista com a professora Lúcia em 15/09/16)

A inclusão no ensino superior é um passo importante para a educação, há pontos positivos e negativos como nos relata o professor:

Acho que é um passo bem importante para um modelo de educação que a gente costuma ter, pelo menos a um século, dois séculos de uma ideia de padronizar as pessoas e eu acho que a gente tem criado há um bom tempo uma ideia de que a educação não necessariamente a gente precisa padronizar, mas precisa reforçar certas particularidades das pessoas e promover a aceitação e outros sentimentos que não tem a ver com colocar todo mundo numa forma. Eu creio que a inclusão tem uma série de pontos positivos dentro da formação das pessoas e ao mesmo tempo ele também é positivo na formação dos professores, me sinto limitado, sinto que a presença da Rosane, me mobiliza, uma aula que eu daria sem pensar tanto sem ou com recursos que já estão na manga, que já estão acostumados a presença da Rosane me faz repensar do início, do zero como se eu nunca tivesse dado aula. Então acho que nos dois sentidos é interessante, do ponto de vista da concepção de educação é para os alunos ter essa convivência. Isso é uma vivência importante em qualquer lugar mas para os professores me parece um recurso também para desnaturalizar, desautomatizar certos recursos que a gente costuma, que necessariamente a gente faz, a gente trabalha assim. (Trecho extraído da entrevista com o professor Rafael em 27/09/16)

A exigência no processo e no tempo de aprendizado viabiliza recursos didáticos existentes para o ensino aprendizagem e a falta de professores na área inclusiva exige um trabalho com os recursos certos que desenvolverão esse aprendizado. Sendo a demanda dessa formação notória no esforço desses professores buscando esse conhecimento.

A relação professor-aluno deverá ter sempre o cuidado deste, ao adentrar no universo musical desse aluno, planejando e criando estratégias a serem desenvolvidas para o melhor desempenho desse. Pesquisar e buscar esses recursos demanda tempo e a saída da zona de conforto desse profissional e será um meio de crescimento do curso.

As discussões que envolvem o processo de inclusão no ensino superior são pautadas através de cada espaço de atuação, sendo um desafio enriquecedor o lidar com o processo de inclusão dentro da universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar sobre o contexto da perspectiva da educação inclusiva tem alguns aspectos que devem ser analisados, discutidos e trazidos à realidade do nosso dia a dia como futuros educadores musicais. Buscar meios e subsídios para que possamos encarar essa realidade sem receios, nos torna críticos em relação ao assunto, mas também examinadores de conceitos e práticas que deverão ser revistas de como até aqui tem se ensinado música.

Não somente os alunos com necessidades especiais se beneficiarão das leis e propostas desse novo olhar sobre a situação de nossa educação atual, mas também os alunos de graduação terão a rica experiência de vivenciar tal circunstância. A proposta de minha pesquisa e real preocupação, sempre foi voltada a aluna de inclusão, de como ela aprende e quais seriam os meios e métodos para concluir esse aprendizado, mas com o decorrer da pesquisa constatei que o trabalho com a aluna incluída não foi somente com os professores e técnicos do curso, mas de certa forma, envolveu a todos os discentes nessa caminhada rumo à sua formação.

A intensão na realização esta pesquisa foi de descobrir meios para o desenvolvimento do conhecimento na área da pedagogia e da educação musical, compreender as diversas situações desse aprendizado (PENNA, 2015) evidenciando propostas e estratégias pedagógicas que mais se destacam no ensino e aprendizagem de música para um deficiente visual e pesquisar meios didáticos para que esse processo se desenvolva. Pretendi assim experimentar esses processos pelos quais passa a educação musical com a observação não participativa em aulas e contabilizei experiências enriquecedoras nesse processo.

Nesta pesquisa constato que professores ampliam olhares quanto à docência, assim, alunos de graduação se formarão com a experiência de ter vivido a inclusão antes de irem para a sala de aula, portanto, o curso se fortalece enquanto instituição e se capacita para novos desafios.

Na atual conjuntura social brasileira, em que a educação inclusiva está inserida, o desafio está centrado no fato de desconstruir o hábito de repassar o conteúdo e continuar com a velha concepção de professor que ensina ao aluno que reproduz, ou quebrar paradigmas e repensar questões simples como: o meu aluno está entendendo o que eu estou ensinando? A proposta de ensino em que baseio minhas concepções tem sido alcançada? Perguntas como estas deveriam ser pautadas todos os dias em

nossa trajetória como educadores musicais. Não somente exigir do aluno que ele tenha a postura e a boa vontade de aprender, mas usar os recursos disponíveis para consolidar esse aprendizado, recursos existem, mas é preciso alguém que ensine, ou seja, a mediação.

O aporte desta pesquisa traz a possibilidade de aprofundamento dos conhecimentos sobre a educação musical inclusiva para a atual conjuntura de nosso país, no contexto do ensino superior. Conforme Oliveira e Reily (2014), precisamos ter em vista a urgente demanda não somente de professores capacitados para esse exercício, mas também de materiais e métodos para o ensino de música no ensino superior, bem como, disciplinas que tratem da temática nos cursos de licenciatura em nosso país.

Tal como menciona Louro (2015), nos seus trabalhos visitados ao longo desta pesquisa e visando as mudanças evidenciadas no curso de Licenciatura em Música da Unipampa, constato que estratégias estão sendo montadas, pesquisas estão sendo desenvolvidas, mas é preciso investir em recursos humanos capacitados para lidar com esse tipo de desafio por aqueles que querem educar musicalmente na perspectiva da educação inclusiva. Principalmente no Rio Grande do Sul onde há poucos trabalhos sobre a temática e educadores musicais da área disponíveis para essa inclusão em nosso curso, esses profissionais deverão investir em cursos extras e informativos para inovar, devendo procurar melhor atender a essa demanda, e assim, terão um leque de possibilidades mais abrangente.

Ampliar a visão e os conceitos sobre a inclusão de alunos com deficiência implica investir em possibilidades e potencializar o aprendizado incentivando essa autonomia musical, como defende Bonilha (2010), não se detendo na deficiência, mas usando recursos de Tecnologia Assistiva para trabalhar vários aspectos da educação musical, potencializando e otimizando dentro das próprias capacidades individuais.

Minha visão em relação ao ensino de música, tanto na educação básica como na educação superior, foi ampliada no sentido de que as situações conflituosas de ensino e aprendizagem musical no contexto inclusivo que se apresentam aos professores são as mesmas, somente mudam em graus de dificuldade por se tratarem de crianças e adolescentes versus jovens e adultos.

Meios didáticos e acessíveis existem, o que é preciso fazer é a mediação conteúdo-professor-aluno cada vez mais consciente e dinâmica, pensando nas próprias possibilidades daqueles que desejam que um ensino de qualidade chegue

até esses alunos de inclusão. Essa mediação está sendo feita no curso de Licenciatura em Música da Unipampa, o curso tem um longo caminho a trilhar mas está investindo para que a aluna possa ter os meios necessários para seu aprendizado.

Um deficiente visual aprende música no ensino superior, através de ações conjuntas, de esforços e buscas por esse aprendizado, através das tecnologias assistiva, de materiais didáticos e das adaptações no currículo. O processo de ensino e aprendizagem passam por etapas a cada aula, a cada semana, de acordo com as adaptações no currículo que o professor ache necessário, sempre respeitando o tempo da aluna.

Podemos constatar nesta pesquisa que estratégias metodológicas são desenvolvidas pelos professores do curso através do conhecimento prévio da aluna, conhecimento de seu universo e de suas atividades fora da universidade. Os professores lidam com situações de conflito entre o planejado, o desejado e a realidade de forma tranquila e tentando sempre estabelecer um diálogo para que a aluna possa aprender e crescer em sua trajetória acadêmica.

REFERÊNCIAS

BEYER, Hugo. **Da integração escolar a educação inclusiva: implicações pedagógicas**. In: KEBACH. Patrícia; DUARTE. Rosangela. **Educação musical e educação especial: processos de inclusão no sistema regular de ensino**. Textos e Debates, 2012 - revista.ufr.br

BONILHA, Fabiana F. G. **Leitura musical na ponta dos dedos: Caminhos e desafios do ensino de musicografia braile na perspectiva de alunos e professores**. Dissertação-Instituto de Artes, da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

BONILHA, Fabiana F.G. **Do toque ao som: O ensino da Musicografia braile como um caminho para a Educação Musical Inclusiva**.Campinas,2010. Tese de Doutorado em Música-Programa de Pós-Graduação do departamento de Música da Universidade Estadual de Campinas

BRASIL, **Decreto nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providencias.

BRASIL, **Decreto nº 7.1169, DE 18 DE AGOSTO DE 2008**. Dispõe sobre a inserção da música nas escolas, conteúdo obrigatório e não exclusivo.

BRITO, Teca A. de. **Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

CONGRESSO ESTADUAL DE TEOLOGIA,1, Porto Alegre, 2013. São Leopoldo, Anais. São Leopoldo: EST, 2013.1.v.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3.ed.Porto Alegre: Artmed,2009.

GIL, Antonio Carlos. **Modos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo. Atlas S.A-2008.

LEMOS e SILVA, **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba, 2011.

LOURO, Viviane dos Santos. **Fundamentos da Aprendizagem Musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: Editora Som, 2012.

LOURO, Viviane dos Santos. Educação Musical Inclusiva: Desafios e reflexões. In: **Música e Educação-séries diálogos com o som**. Orgs. Helena Lopes da Silva e José Antônio Baêta Zille. Minas Gerais: Editora Barbacena, 2015.

MELO, I.S.C. **Um estudante cego no curso de licenciatura em música da UFRN: questões de acessibilidade curricular e física**. 2011. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

MELO, A. M.; LOPARDO, C. E.; MELO, G. M. **Computação Aplicada à Educação Musical: desafios e perspectivas ao planejamento docente no contexto da Educação Inclusiva**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, 36. WORKSHOP DE DESAFIOS DA COMPUTAÇÃO APLICADA À EDUCAÇÃO, 5, 2016, Porto Alegre.

OLIVEIRA, Leonardo A. C. e REILY, Lucia H. **Relatos de músicos cegos: Subsídios para o ensino de música para alunos com deficiência visual**. Rev. bras. educ. espec. vol.20 no.3 Marília July/Set. 2014.

PENNA, Maura. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em Educação e Música**. Sulina, 2015.

LOPARDO, C.; MELO, A.; MELO, G. **Educação Musical Inclusiva mediada por Tecnologias Digitais Acessíveis**. UNIPAMPA: PDA 2016.

SEESP/MEC, 2008. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão**. Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano 5, n. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9.

TUDISSAKI, Shirlei Escobar. **Ensino de música para pessoas com deficiência visual**. São Paulo. Editora Cultura Acadêmica, 2015.

UNIPAMPA. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Música**, Campus Bagé, Set. 2014.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Solicitamos sua participação voluntária no projeto de pesquisa intitulado “O Ensino e aprendizagem de uma aluna com deficiência visual no curso de Licenciatura em Música”, realizada pela discente Carla Daneris Valério Rita, graduanda do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pampa.

Este projeto pretende investigar o ensino e aprendizagem de uma pessoa com deficiência visual no ensino superior, identificando como ela aprende música e quais estratégias metodológicas e de ensino são desenvolvidas e utilizados nesse processo.

Os procedimentos adotados serão observações não participantes, diários de campo e entrevistas semiestruturadas. Espera-se, com essa pesquisa, contribuir para o desenvolvimento da educação musical no contexto da perspectiva da Educação Inclusiva. Qualquer informação adicional poderá ser obtida através do telefone (53) 99788357.

A qualquer momento, o(a) Senhor(a) poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos, contudo, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo de sua participação. Nomes, endereços e outras indicações pessoais serão mantidos no anonimato a não ser que o(a) participante manifeste seu consentimento expresso de ser identificado(a).

Em relação à sua identificação a opção é:

() Uso de codinome(pseudônimo): _____

() Uso do meu nome: _____

Aceite de participação voluntária

Eu, _____, identidade
nº _____

Declaro que fui informado(a) dos objetivos de pesquisa acima, e concordo em participar voluntariamente da mesma. Sei que a qualquer momento posso revogar este Aceite e desistir de minha participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Pesquisador

Voluntário(a)

Orientador

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Professores(a)

Eixo 1- Visão do professor sobre a Educação Inclusiva

- Experiências, relatos e formação;

- 1.Qual sua visão em relação à Educação Inclusiva no ensino superior?
- 2.Teve em sua formação cursos relacionados com a Educação Inclusiva?
- 3.Teve alguma experiência prévia com alunos inclusos?
- 4.Em relação ao PPC do curso, seus componentes curriculares e seus respectivos planos de ensino, o que mudou em relação as aulas práticas com a aluna de inclusão?

Eixo 2-Experiência no corrente curso

- Avaliação, escolhas metodológicas, recursos e materiais didáticos, resultados e expectativas;

- 5.Com que critérios e escolhas metodológicas prepara as aulas para a aluna inclusa?
- 6.Que materiais didáticos são utilizados em suas aulas?
- 7.São pensadas e implementadas fases para esse aprendizado?
- 8.Alguma das aulas foram reformuladas em vistas do plano de ensino descrito no PPC?

Eixo 3-Pessoal

- Reflexão, conquistas e frustrações

- 9.Como lida com a perspectiva entre o planejado, o desejado e a realidade?
- 10.Em suas práticas em sala de aula houve conquistas ou frustrações?
- 11.Livre para acrescentar algo, sua opinião:

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Técnico

Eixo 1- Visão do técnico sobre a Educação Inclusiva

- Experiências, relatos e formação;
- 1.Qual sua visão em relação a Educação Inclusiva no ensino superior?
 - 2.Teve em sua formação cursos relacionado com a Educação Inclusiva?
 - 3.Teve alguma experiência prévia com alunos inclusos?

Eixo 2-Experiência no corrente curso

- Avaliação, escolhas metodológicas, recursos e materiais didáticos, resultados e expectativas;
- 4.Com que critérios e escolhas metodológicas prepara as aulas para a aluna inclusa?
 - 5.Que materiais didáticos são utilizados em suas aulas?
 - 6.São pensadas e implementadas fases para esse aprendizado?

Eixo 3-Pessoal

- Reflexão, conquistas e frustrações
- 7.Como lida com a perspectiva entre o planejado, o desejado e a realidade?
 - 8.Livre para acrescentar algo, sua opinião:

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Aluna

Eixo 1- Percepção da aluna sobre a Educação Inclusiva

- Experiências, relatos e formação;

1. Como foi sua trajetória até aqui? Quais barreiras enfrentou para chegar ao Ensino Superior?

2. Existem obstáculos que prejudicam seu aprendizado no curso? Se sim, quais?

3. Como está sendo construído o vínculo aluno-professor dentro do curso? E como é com os técnicos, desde a tua perspectiva?

4. Percebe barreiras no ambiente do campus em relação a sua infraestrutura? Se sim, quais?

Eixo 2-Pessoal

- Reflexão, conquistas e frustrações

5. Como se organiza para poder realizar atividades paralelas ao curso, tais como, eventos e cursos aos sábados, SIEPE, Semana Acadêmica, outros eventos culturais?

6. O braille e a Musicografia são ferramentas utilizadas por você com frequência para as atividades de formação no curso? Se sim, como? Se não, por que?

7. Com quais obstáculos se deparou ao longo do curso?

8. Quais poderiam ser hoje suas dúvidas e receios em relação à sua graduação? E suas expectativas?

9. Consegue dimensionar sua caminhada desde sua entrada na universidade até agora?

10. Livre para acrescentar algo ou sua opinião: